

Stadium

N.º 95 ★ 27 DE SETEMBRO DE 1944 ★ PREÇO 1\$50

ATLÉTICO-BENFICA

Armando Jorge, auxiliado por Ventura, repele a sôco uma bola perigosa. Espírito Santo, que fez no domingo excelente exibição, tenta dificultar a entrada do guarda-rédes do Atlético, enquanto F. Ferreira e Teixeira se prestam para intervir

(Foto C. Madeira)



Os circuitos de Espinho, Bairrada e Malveira

Comentários por Gil Moreira

DIzem os franceses, quando se referem à tática de correr em bicicleta, que o mais difícil de fazer para tentar uma fuga é «descolar» os adversários. De facto, aqueles 50 ou 100 metros que se conquistam, após um oportuno esticão, aproveitando quase sempre um descuido dos adversários, essa vantagem não necessária para o êxito de uma fuga, é, na maioria dos casos, mais difícil de conseguir que a própria vitória final...

Assim, é normal ver-se corredores de excepcionais condições físicas saírem nitidamente batidos por adversários que são apenas bastante rápidos, isto porque não souberam ou não puderam surpreendê-los, colocando-os a lutar de frente, sem abrigo, longe dos locais da meta. Por isso são frequentes as vitórias obtidas por «sprinters», homens que por vezes têm a virtude de saber defender-se, o que, havemos de convir, é pouco numa modalidade em que o espírito de luta e brio desportivo tanto valorizam o comportamento dos corredores.

Mas quando a vitória é obtida por esses «sprinters», depois de terem corrido «quase sempre ao ataque», ou ainda quando esse triunfo é reflexo da entreajuda dos componentes das equipas — facto sempre digno de ser assinalado, porque constitui prova de que se não correu atabalhoadamente — então os resultados obtidos trazem muito mais mérito e podem considerar-se de grande valor.

Casos concretos

Foi precisamente o que sucedeu este ano em Espinho, com a vitória de Jorge Moreira, em Sangalhos, com a de Jorge Pereira, e na Malveira, com a de José Pereira.

Na «Costa Verde», o portuense venceu porque soube visar e atacar o seu mais perigoso adversário — Eduardo Lopes — nos momentos em que ele estava fatigado por ter respondido às ofensivas de Aniceto, M. Pereira e Império, todos a trabalhar para Moreira. Em Sangalhos, Jorge Pereira e as equipas de Lisboa triunfaram porque se conseguiu, nas hostes do sul, o útil lema «todos por um e um por todos» — obrigando os portuenses a desgaste infrutífero, que os aniquilou ainda longe da meta.

Na Malveira, José Pereira venceu após um perfeito desempenho, em que lutou com brio inexcusável, mas também entreajudado pelos seus colegas de clube e da região, que jamais tentaram comprometer o avanço por ele conquistado. É que Ferreira fugiu e ninguém, a não ser um portuense, foi em sua perseguição.

Portanto, temos três vitórias de três «sprinters», após luta valorosa em três provas de grande valor desportivo, nas quais se correu com a cabeça — e com as pernas...

Três resultados atestando que o ciclismo já nem sempre se pratica sem rei nem roque.

As organizações de Espinho...

O circuito de Espinho deve ter encontrado a sua melhor maneira de disputa. Dadas as características do percurso, a fórmula de «critério» é a que mais convém sob o aspecto desportivo — e até como elemento espetacular. O público mantém

sempre interesse pela prova: os corredores podem defender, com mais segurança, a sua sorte; os clubes classificam-se consonante o real valor dos seus agrupamentos; e a tarefa dos organizadores — desaparecida a tragédia das chegadas em «molhos» — ficará facilitada para classificar as equipas e para atribuir os prémios colectivos. E como o clube promotor — o Sporting de Espinho — sabe sempre, por intermédio do infatigável Joaquim Moreira, pôr uma nota simpática de ordem e de método na «sua corrida», é necessário fazermos votos para que ela se mantenha no calendário do ciclismo português, para regalo dos adeptos da velocipédia — com proveito para os corredores.

... de Sangalhos...

Esforço apreciável o do Sangalhos Desportos Clube e sobretudo o do seu incansável director Nelson Simões, para que o circuito da Bairrada atinja, de ano para ano, maior brillantismo. No entanto, cremos que tal objectivo só o poderão conseguir alterando algumas das normas que têm seguido — e até, se possível, criando métodos novos, a atestar a singularidade da grande corrida nortenha.

Assim, o circuito podia — e devia, até — dispor-se em duas ou três tiradas, por exemplo Sangalhos-Aveiro, Aveiro-Anadia e Anadia-Albergaria-Aveiro-Sangalhos, tudo organizado no mesmo dia. Haveria um regulamento criado com antecedência, na qual seriam definidas todas as atribuições dos elementos ligados à prova, o que facilitaria a missão ingrata dos organizadores, bem como atribuição mais equitativa dos prémios, assim de permitir que os clubes os conquistassem de acordo com o

mérito demonstrado — e nunca em regime de bodo... Se se conseguirem estas modificações, tendentes aliás a valorizar a corrida como espectáculo e como competição propriamente dita, teremos uma grande prova.

Pensemos no que será esta competição com três classificações distintas, a esperar o interesse do público — e o que será este interesse ao pretender saber-se qual será o vencedor absoluto da corrida após três tiradas!

Por nossa parte estamos convencidos que tal fórmula obterá êxito e desde já ficamos aos dispor dos organizadores para com elas cooperarmos, no que julgarem necessário, para as modificações a vencer.

... e a da Malveira

Tomando em consideração que as provas de pequena quilometragem, em circuitos de perímetros reduzidos, satisfazem melhor a propaganda do ciclismo que as corridas longas, com percursos «arrevesados», o Atlético da Malveira promoveu com acentuado acerto o III Circuito, tal como em 1943, o que lhe proporcionou um êxito. Houve entusiasmo na disputa, o público acarinhou a organização e os resultados desportivos tiveram certo mérito.

Assim, é de aconselhar que esta prova não deixe de se repetir, tanto mais que a sua efectivação é facultada pelo apoio que o comércio local presta ao seu clube.

Contudo, este circuito pode ainda ser melhorado sob vários aspectos. Convém tentar fazê-lo disputar nas estradas que ligam a estação do caminho de ferro com a passagem de nível e o centro da vila; também não seria despropositado adoptar a fórmula de Espinho — classificação por critério — que tornaria a corrida ainda mais espetacular; e para que tudo decorra normalmente há que procurar processo de assinalar com eficiência a marcha de todos os corredores, evitando que surjam dúvida acerca do quilometragem por elas percorrida.

Feito isto, teremos no «Circuito da Malveira» mais uma excelente prova no paupérrimo calendário do ciclismo português.

DE COIMBRA

LUÍS LOPEZ DA CONCEIÇÃO

do Santa Clara — o melhor nadador local

COIMBRA, a da Universidade, do Mondego e das tricanas, tem desportivamente — nos seus nadadores — um dos maiores títulos de orgulho. E nessa pleia-

de valorosa que, em menos de uma década, quindou a natação coimbricense a uma posição brilhante no panorama geral da natação portuguesa, um nome se salienta, surgindo em grande plano: o de Luis Lopes da Conceição, conhecido representante do Santa Clara — seu clube de sempre.

Nos campeonatos nacionais da presente temporada, que tiveram por cenário o anfiteatro magestoso do Sport Algés e Dafundo, Lopes da Conceição comportou-se de forma a merecer encômios, trazendo para a velha cidade do Mondego duas honrosas classificações: nos 100 metros-livres e 100 metros-costas, — mas vencido pelo grande campião Mário Simões. Independentemente destas posições, temos ainda a assinalar outra de bastante relevo: o quarto posto alcançado nos 200 metros-livres (batido, apenas, por Simões, Mira Gomes e Oscar Cabral), e ainda o seu percurso na estafeta olímpica de 4x200 metros-livres.

A todos estes feitos a critica da capital deu justo e merecido realce, apontando as belas qualidades que Lopes da Conceição possui para a prática da modalidade,

que o colocam não só como o mais representativo dos nadadores coimbrICENSES, mas também como a figura mais em destaque dentre aqueles que, nas provas máximas de 1944, não chegaram a campeões.

Apesar de muito novo, Luís Lopes da Conceição é dos primeiros tempos da natação em Coimbra, tendo sido seu primeiro professor Elísio Rodrigues, conhecido nadador do Clube Nacional de Natação e a quem a natação coimbricense deve inestimáveis serviços. Aos onze anos participou pela primeira vez em provas de competição, na piscina da Curia.

Progredindo sempre, dedicado como poucos ao seu desporto predilecto, Lopes da Conceição destingue-se pela primeira vez nos campeonatos nacionais de 1943, realizados em Espinho, onde, tal como este ano, obteve dois excelentes segundos lugares, nos 100 e 200 metros-livres. Foi ainda o terceiro em 400 metros-livres.

Na presente época, além dos feitos já mencionados, anote-se ainda que Luís Lopes da Conceição triunfou em todas as provas dos campeonatos regionais, à exceção dos 200 metros-bracos, e que tem presentemente os «records» regionais de 100, 200, 300, 400, 800, 1.500 e 4x200 metros-livres; 100, 200 e 400 metros-costas.

Luis Lopes da Conceição, com quem falámos, em plena praia-artificial do Mondego, após ter baixado o recorde regional dos 100 metros-costas para o belo tempo de 1 m. 20 s., quando da visita da equipa do S. A. Dafundo, é estudante do ensino liceal, prefere o «crawl» aos outros estilos — embora reconheça que possui maior classe para as provas de costas —

XII — Lisboa, 27 de Setembro de 1944 — II SÉRIE - N.º 98

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da

SOCIEDADE DE REVISTAS GRÁFICAS, L.D.A.

Redação e Administração:

T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19.3.º

Telefone 5.1146 — LISBOA

Execução gráfica de NEOGRAVURA, LTD. — Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A época traduzida em números

Elementos estatísticos e comparativos

reunidos e comentados pelo dr. Salazar Carreira

Clube de Futebol «Os Belenenses» — 8 (0, 1, 0, 0, 3; e 0, 1, 3).

Grupo Sportivo de Carcavelos — 5 (2 estreantes e 1 principiante).

Casa Pia A. C. — 2 (1 regional e 1 nacional de júniores).

Estréla e Vigorosa — 2 (nacional e regional de seniores).

Atlético C. Almada — 2 (nacional e regional feminino).

Académico de Braga — 1 (principiante).

O número de concorrentes aos torneios oficiais em Lisboa aumentou em quantidade (seniores: 71 em 1943 e 79 em 1944) e sobretudo em qualidade dos novos.

Classificando pelos resultados os vencedores dos campeonatos de estreantes e principiantes nos últimos cinco anos, em hipotética competição onde a melhor marca vale 1 ponto, a seguinte 2, etc., temos a seguinte classificação «por equipas anuais»:

1944 — 26 e 31 p.; 1940 — 29 e 37 p.; 1943 — 30 e 38 p.; 1941 — 31 e 45 p.; 1942 — 41 e 40 pontos.

Os novos deste ano são, por conseguinte, a mais prometedora colheita do último lustro, animadora verificação que completa o real progresso de resultados dos atletas da categoria superior.

Desporto no Alentejo

O União S. C. de Beja

filial do S. L. Benfica

prepara-se para entrar numa fase de franco progresso

As duas melhores colectividades bejanenses de desporto são o Luso e o União. O União Sporting Clube é um dos grandes esteiros do desporto, na capital do Baixo Alentejo. É também os clubes desportivos mais antigos no distrito.

Fundouse em 1 de Maio de 1921, por iniciativa de um dedicado grupo de empregados no comércio, mantendo essas tradições até há pouco tempo.

Dedicando-se especialmente ao futebol, marcou desde os primeiros anos valor apreciável, impondo-se, sempre, como adversário de respeito.

Em 1930-31 conseguiu o título de campeão regional de futebol, destronando o Luso, vencedor quase eterno dos torneios regionais. Nessa época, e na qualidade de campeão, coube ao União representar o distrito na prova nacional, sendo eliminado pelo Vitória de Setúbal. Nesse tempo jogava pelo União o popular Alfredo Valadas, apresentando no Sport Lisboa e Benfica.

O União tem atravessado crises de declínio e períodos de progresso muito sensível, sem no entanto haver perigo para sua existência. Não chegou a perder-se o espírito associativo — e livrou-se, por isso, da queda completa.

Começou em Setembro de 1939 uma nova era na existência do União. Fez a sua fusão com o Sport Lisboa e Beja, que se organizara em 1939, com um bloco valoroso de «benfiquistas». O Sport Lisboa e Beja, filial do Sport Lisboa e Benfica, chegou a posição de relevo no desporto local. Mesmo com a fusão, manteve o primitivo título de União Sporting Clube, passando todavia a ser filial do popular clube lisbonense e a usar equipamento igual ao da sede.

Fizeram-se notar imediatamente os resultados desta concentração de valores. O União teve comportamento brilhante no campeonato distrital, terminando a prova com o mesmo número de pontos que o Luso e perdendo o título por excessiva diferença no «goal-average».

Os anos que se seguiram não foram mais felizes. No princípio da temporada de 1943-44 a sua situação chegou a ser comprometedora para o futuro. Salvou-o, nessa crise, uma comissão de sócios dos mais dedicados. Tensemente, esforçadamente, tentou-se o ressurgimento do União. E

(continua na pg. 7)

Traduzindo em pontos finlandeses as marcas dos três melhores homens em cada uma das 17 provas individuais do programa olímpico, encontramos as seguintes médias:

	1944	1943	1942	1941	1940
Corridas (9)	789	694	730	746	777
Saltos (4)	714	673	703	702	721
Lançamentos (4)	623	595	576	580	583
Total (17)	717	666	635	657	71

Publicámos na «Stadium» há um ano, um gráfico referente a estas médias desde 1922, (n.º 41 de 15-9-43), que os leitores interessados podem recordar e completar com as indicações do ano actual; anotar a subida acentuada de valores, que quase iguala o vértice do famoso ano áureo de 1940 e o excede largamente no capítulo dos lançamentos.

Para concluir esta primeira parada de números, segue o rol dos nomes que figuram na tabela dos melhores homens de 1944, em cada prova do programa:

200 m. — Sampaio Peixoto (A. F. C.), 22,7 s.; Nuno (S. C. P.) e Eleutério (S. L. B.), 22,3 s.; Abreu Lima (A. C. P.), 22,4 s.

400 m. — Sampaio Peixoto (A. F. C.), 51,1 s.; Matos Fernandes (S. L. B.), 51,7 s.; João Jacinto (S. C. P.), 51,9 s.; Elio Pereira (F. C. D.), 53 s.; Artur Dias e Elizeu (S. C. P.), 53,5 s.

800 m. — Sampaio Peixoto (A. F. C.), 2 m. 2,3 s.; João Jacinto (S. L. B.), 2 m. 4,2 s.; José Vicente (G. S. C.), 2 m. 4,3 s.; Elio Costa Pereira (F. C. P.) e Castelo Branco (S. C. P.), 2 m. 7 s.

1500 m. — Pires de Almeida (S. L. B.), 4 m. 19,8 s.; Nogueira (S. C. P.), 4 m. 22,8 s.; João Silva (S. L. B.), 4 m. 22,6 s.; Bernardo Silva (S. C. S.), 4 m. 23, 6 s.; José Vicente (G. S. C.), 4 m. 27 s.

5.000 m. — João Silva (S. L. B.), 15 m. 48,3 s.; Nogueira (S. C. P.), 16 m. 9,6 s.; Matos Gonçalves (S. L. B.), 16 m. 31,4 s.; Albino Silva (S. C. S.), 17 m. 8,2 s. Nos campeonatos de Lisboa, Afonso Marques, Armando e Filipe Luís alcançaram como certos tempos inferiores à este último, mas não foram registados.

10.000 m. — Pires de Almeida (S. L. B.), 35 m. 11,6 s.; Matos Gonçalves (S. L. B.), 34 m. 4,2 s.; Nogueira (S. C. P.), 34 m. 44,8 s.; Bernardo Silva (S. C. S.), 35 m. 49,4 s. Foram estes os únicos tempos registados durante a época.

Batucetas, 110 m. — F. Ferreira (S. L. B.), 15,8 s.; Martins Vieira (S. L. B.) e António Pereira (F. C. B.), 16 s.; Luís Alcide (S. L. B.), 16,1 s.

Batucetas, 400 m. — Matos Fernandes (S. L. B.), 56,4 s.; Martins Vieira (S. L. B.), 59 s.; José Couto (A. F. C.), 59,3 s.; Elio Pereira (F. C. P.), 1 m. 0,9 s.; Fraga (S. L. B.), 1 m. 1,8 s.

Saltos em altura — Matos Fernandes (S. L. B.) e João Durão (S. C. P.), 1,75 m.; Sérgio Gomes (C. I. F.) e Quetos Vieira (S. L. B.), 1,72 m.; Alcide (S. L. B.) e Cunha (A. F. C.), 1,70 m.

Salto em comprimento — Álvaro Dias (S. C. P.), 6,95 m.; F. Tamegão (A. F. C.), 6,85 m.; A. Marques (S. C. P.), 6,76 m.; L. Alcide (S. L. B.), 6,85; Homero Reis (S. L. B.), 6,45 m.

Tripllo salto — L. Alcide (S. L. B.), 15,81 m.; A. Santos (S. L. B.), 15,18 m.; F. Tamegão (A. F. C.), 15,6 m.; Homero Reis (S. L. B.), 15,1 m.; Renato E. Santo (S. L. B.), 12,84 m.

Salto à vara — António Santos (S. L. B.), 3,81 m.; Montalvão Fernandes (E. V.), 3,80 m.; Martins Vieira (S. L. B.), 3,40 m.; Santos Vieira (S. L. B.), 3,35 m.; Mário Lemos, Carlos Costa (S. L. B.) e Álvaro Dias (S. C. P.), 3,30 m.

Lançamento do peso — Emídio Ruivo (S. C. P.), 12,85 m.; Manuel Silva (S. C. P.), 11,84 m.; Jorge Canaves (I. N. E. F.), 11,86 m.; M. P. Perdigão (A. F. C.), 11,09 m.; E. Tamegão (A. F. C.), 11,07 m.

Lançamento do disco — Manuel Silva (S. C. P.), 39,60 m.; Emídio Ruivo (S. C. P.), 38,34 m.; Herculano Mendes (A. F. C.), 38,80 m.; F. Ferreira (S. L. B.), 34,40 m.; José Luis Silva (S. C. P.), 34,35 m.

Lançamento do martelo — Tomás de Macedo (S. C. P.), 48,84 m.; António Rodrigues (C. F. B.), 46,39 m.; A. Cadete (A. F. C.), 44,30 m.; Carlos Pinto (F. C. P.), 45,20 m.; Castelo Branco (I. S. T.), 46,41 m.

Lançamento do dardo — Herculano Mendes (A. F. C.), 44,57 m.; Manuel Silva (S. C. P.), 43,85 m.; Bustorff Ferreira (S. L. B.), 39,05 m.; José Luis Silva (S. C. P.), 36,99 m.; Carlos Pinto (F. C. P.), 35,25 m.

Não voltamos a incluir a lista referente aos 100 metros, que nos servirá de exemplo para as considerações iniciais deste artigo.

A participação clubista neste rol é a seguinte: Benfica, 30 citações de 17 atletas; Sporting, 25 citações de 15 atletas; Académico, 13 citações de 7 atletas. Seguem: F. C. Pórtico, 4 citações; Salgueiros, 3; Belenenses, Internacionais e Carcavelos 2; Académica, I. N. E. F., I. S. Técnico e Estréla e Vigorosa, 1.

Figuram aqui 8 marcas que valem mais de 800 pontos finlandeses, outras 12 que ultrapassam os 750 p.; a pior média — pior de muito longe! — é a do lançamento do dardo, cujo melhor resultado vale apenas 561 pontos.

Corrija o seu ESTILO

A fotografia é o fiel reflexo das atitudes atléticas e serve para anotar defeitos e virtudes

69 — Franceline Molta, campeã no Ional

1 — A perna anterior é lançada em boa posição, apoio de calcular e joelho em perfeita extensão, dando assim segurança de travagem e oposição necessárias ao aproveitamento integral da velocidade de corrida em força auxiliar da projeção.

2 — O tronco inclinado à retaguarda, no prolongamento do eixo da perna da frente, vai iniciar — sob o esforço tractor para a retaguarda do braço esquerdo — o movimento de distorção que traz o ombro direito adiante, precedendo o braço antes da chicotada que dispara o dardo. Na entanto...

3 — ...O braço esquerdo não parece em disposição para exercer activamente a sua colaboração.

4 — O braço direito não está completamente estendido à retaguarda (ou começou antes de tempo o gesto de lançamento) e a ponta do dardo parece (digo parece, porque pode ser engano de perspectiva) desviada para cima.

5 — A posição do joelho direito é de exagerada abdução, prejudicando o retorno da bacia à posição frontal, indispensável às firmas antes do esforço dorsal e da chicotada do braço.



69 — Franceline Molta, campeã no Ional

1 — A perna anterior é lançada em boa posição, apoio de calcular e joelho em perfeita extensão, dando assim segurança de travagem e oposição necessárias ao aproveitamento integral da velocidade de corrida em força auxiliar da projeção.

2 — O tronco inclinado à retaguarda, no prolongamento do eixo da perna da frente, vai iniciar — sob o esforço tractor para a retaguarda do braço esquerdo — o movimento de distorção que traz o ombro direito adiante, precedendo o braço antes da chicotada que dispara o dardo. Na entanto...

3 — ...O braço esquerdo não parece em disposição para exercer activamente a sua colaboração.

4 — O braço direito não está completamente estendido à retaguarda (ou começou antes de tempo o gesto de lançamento) e a ponta do dardo parece (digo parece, porque pode ser engano de perspectiva) desviada para cima.

5 — A posição do joelho direito é de exagerada abdução, prejudicando o retorno da bacia à posição frontal, indispensável às firmas antes do esforço dorsal e da chicotada do braço.



71 — Emídio Ruivo, segundo discóbolo da temporada

1 — A volta no ombro foi mal dada e o pé direito foi afiado exageradamente para a esquerda, muito além do eixo médio (devia encontrar-se em A.). A causa provável deste desvio, que também se verifica em Manuel da Silva, outro discóbolo português, deve ser a seguinte: ao partir da posição inicial no extremo do círculo, tronco rodado à direita para levar mais atrás ainda a posição do braço respetivo, o lançador antecipa a distorção do tronco e quando lança para diante o pé direito vem animado de um forte movimento circular sinistrógriffo, que afia o apoio do pé muito para a esquerda, afim-de impedir o desequilíbrio.

2 — O pé esquerdo seca de assentar junto ao ombro e o trabalho final vai começar; em consequência do defeito acima apontado, o braço esquerdo já recuou de mais, perdendo parte da sua eficiência tractora, e como se vê em 2 A., trabalha com pouca energia (preferimos que estivesse flexionado pelo cotovelo) e não puxa o ombro para baixo, manobra indispensável à báscula da cintura escapular, que guia no disco o ângulo de elevação.

3 — O lançador tem dificuldade na extensão do joelho anterior e na colocação da bacia de frente para o campo de lançamento, em consequência do desvio para a esquerda do apoio do pé direito. Nesta posição, o aproveitamento do trabalho dos dorsais é diminuído.

Reparar, pelo confronto das duas fases sucessivas, o trabalho da perna da retaguarda, empurrando a bacia para diante, mas não ainda o suficiente, pois a projeção do centro de gravidade cai nitidamente atrás do ponto anterior de apoio, tornando impossível o apoio vantajoso do pé.

SALAZAR CARREIRA

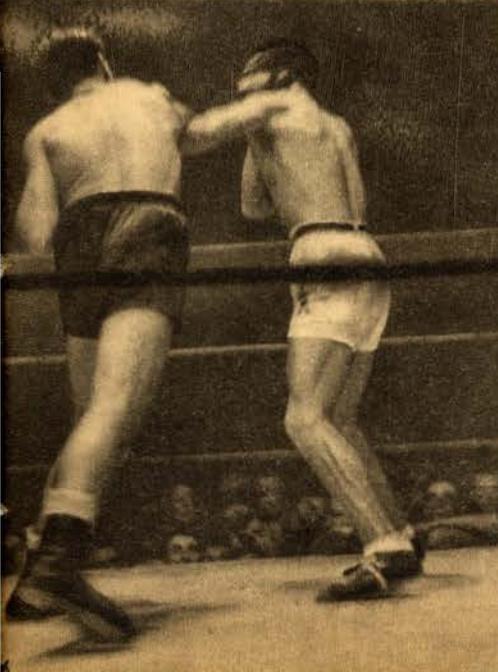
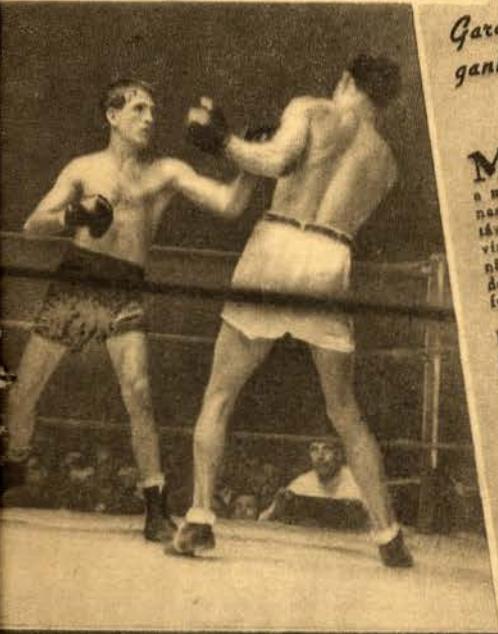
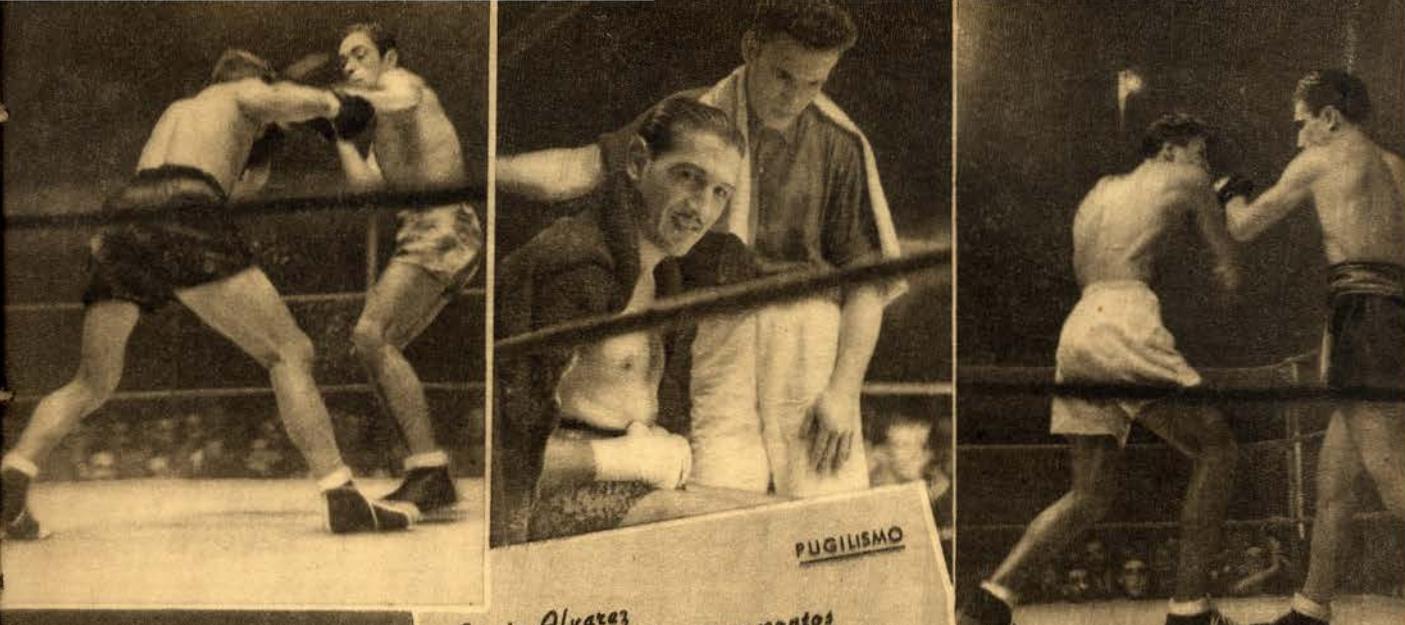


70 — Fernando Ferreira e Motos Fernandes, campeões de Lisboa dos 4x200 metros

1 — Ferreira está demasiado desviado para o exterior da pista.

2 — O corredor arrancou bem, sem preocupações de olhar para trás e a posi-





Garcia Alvarez ganhou a Beni Levy por pontos

Brilhante exibição do campeão espanhol

MOCAMBIQUE é uma parcela do Império que nos é particularmente querida. Prendem-nos laços afectivos nas suas pretensões e franquezas — naturalíssimas e invioláveis numa colónia progressiva e ambiciosa — como não houvesse, para tornar irresistível estes motivos, se outros não preventos todos os desportistas daquela província e os outros futuros encarregados — possíveis e prováveis, infelizmente.

O erro praticado que a pessoa escribiha para tal empréa não devem atribuir-se a manobras de sabotagem e serias. Não injustica grave e um esforço ardil eliminando e bocas, ainda uma reduzir as cordais relações iniciação. Tal manobra que portistas da África lá se fizessem ligam mutuamente poderia serio, estavam certos disso.

Levy foi recebido em Lisboa como um triunfador e tem comportamento sem reserva. A certa altura da carreira e tem volvel... — no espírito dos dezoito — a vitória é feminina e sério da sua popularidade. Dois admiradores, sem prejuízo tanto as casas de espetáculo. Dois portadores confirmativos hastidura na cartaz e o sobre possante a abratar quando Levy tenciona a impulsional durante o combate.

Que ninguém mais ouse, pois, atribuir aos portugueses da Metrópole a mais leve incriminação a que não julguem os patrícios do moçambicano pelas aparências e deficituous condução do pugilista pelas suas contrárias. A má ou a verdadeira causa dos acus fracassos, dos quais, tanto a imprensa, como o público, estão isentos de qualquer interferência.

Isto dito, para conhecimento de todos, passemos à análise dos combates de sexta-feira.

* * *

Garcia Alvarez mostrou que, além de campeão de Espanha, é um pugilista elegante e científico. Princípio e primeiro assalto movendo-se com agilidade. Principiou e Levy e preparando o ataque. Alguns golpes no estômago.

(Continua na pg. 15)

1 — Guilherme Martins detém um ataque de Guadalupe. 2 — O sorriso confiante de Alvarez antes do timbre. 3 — Augusto de Souza esquia uma direita de Larrea. 4 — Uma fase do combate Levy-Alvarez. 5 — O knock-out de Messagger contagem dos segundos. 6 — Alvarez no momento em que aplicou um soco de direita na abalado, cede parante Figueiredo.

(Fotos Nunes de Almada)



«A B C DO PUGILISMO»

de RAFAEL BARRADAS
Edições VIC

RAFAEL Pinto Barradas, ou apenas Rafael Barradas, nosso prezado colega da redacção, leva mais de 20 anos de jornalismo desportivo. Apaixonou um dia a escrever sobre desporto e a praticar algumas. Como jornalista, e como atleta, cometeu erro a mostrar preferência pelo estudo dos problemas técnicos nos desportos que analisava e praticava. Conseguiu assim um cabral precioso de conhecimentos e fez uma recolha magnífica de elementos de documentação.

Distinguiu-se, no entanto, como crítico do «boxe». Criou personalidade e responsabilidade. E não fugiu a ser dirigente num período de crise. Mas nessa altura tinha já dois trabalhos publicados — «Boxing», editado em 1927, presentemente esgotado; e a «Técnica de lançamento do dardo», inserida no antigo semanário «Sport de Lisboa».

Rafael Barradas afirmou-se como jornalista de valor, em qualquer dos jornais por onde tem passado. Criou personalidade, dissemos já,

como crítico da «nobre arte», na análise do que se fazia entre nós e no estrangeiro — análise justa, imparcial e freqüentemente brilhante, num estilo próprio, ao gosto inglês, incisivo, sobrio, mas elegante; e criou-a também na evocação dos mais célebres combates de todos os tempos.

Mais tarde, já oficial do exército, correu mundo, andou por terras distantes do ultramar e do extremo oriente. Conheceu meios e civilizações diferentes. Mas nunca perdeu o contacto com o «boxe». Pode ver como se joga o sóco, científicamente, no estrangeiro. Entrevistou alguns dos mais famosos campeões mundiais do pugilismo. Quando Rafael Barradas voltou ao continente e ingressou no quadro redactorial da «Stadium», era, por direito próprio, além do novo melhor crítico de «boxe» e do jornalista regularmente eclético, o mais visado e mais documentado.

Homem moderno



faz diariamente a barba com creme OATINE de barbear, o produto preferido não só no Império Britânico como em todo o Mundo Civilizado

OATINE

Loção para depois de barbear
Produtos de beleza
Perfumarias da fama mundial

Oatine

CRÈME DE BARBEAR

MAVERICK DA COTONÉO, 22. M.



Não constituiu, por isso, surpresa que Rafael Barradas se abalancasse a publicar nova obra sobre o pugilismo. A análise de uma nova série de combates em Lisboa, nos últimos tempos, levou-o ao convencimento de que há enorme falta de conhecimentos por parte de toda a gente que pode contribuir para a beleza espetacular e desportiva da esgrima de punhos. Já o afirmara em algumas crónicas brilhantes. É preciso ensinar toda essa gente — jogadores, dirigentes e público. É preciso que o «boxe» se prestigie, como arte e desporto. De afi-livro.

Rafael Barradas deu ao novo livro o título de «ABC do Pugilismo». Não o fez apenas por modéstia — foi especialmente por mera questão de coerência entre o título e o objectivo da obra. Na respectiva introdução há uma passagem que merece recorte, com a devida vénia: «Pretende este pequeno livro alcançar, como objectivo, a elucidação de todas as pessoas apreciadoras da mui nobre e leal arte do sóco, em especial dos não-praticantes, cuja assiduidade aos espectáculos é fiel e permanente, mas cujos conhecimentos, por quaisquer motivos, não correm paralelos com o entusiasmo». E ainda pelo mesmo motivo dividiu o livro em três partes — o jogo, o jogador e o espetáculo. Na parte final, insere o livro uma lista dos campões mundiais na categoria de pesos, uma pequena lista das maiores receitas apuradas em todo o mundo e uma coleção magnifica de instantâneos de combates de «boxe», no estrangeiro e em Portugal.

Em qualquer destas três partes em que se divide o «ABC do Pugilismo», o estudo e a análise são circunstanciados, não obstante o estilo ser sobrio, em linhas simples, sem palavras a mais. E tudo quanto o livro contém serve para a iniciativa do leitor em todos os segredos da «nobre arte».

para mostrar e realçar a beleza do «boxe» como desporto, com suas vantagens e seus perigos, e para iniciar também os pugilistas no estudo de todas as coisas que interessam a uma preparação metódica e conveniente.

Toda a obra é prodigamente ilustrada. E os desenhos, feitos pelo próprio autor, são excelentes, como apontamentos de arte sobre o «boxe». Entre estes desenhos, é de apontar a serie em que se mostram todos os golpes proibidos e os diferentes socos permitidos.

Trata-se, pois, de uma obra que não é favor classificar de esplêndida — pelo tom elevado a que se destina e pela forma como se procura atingir-lo, em boa prosa, com inúmeras gravuras e larga soma de ensinamentos e conceitos. Livros como este são necessários em todos os desportos. Estamos certos de que o seu êxito não será sómente de venda mas também e especialmente de leitura. Os efeitos resultantes de publicações como o «ABC do Pugilismo» hão-de fuser-se sentir, dentro de pouco tempo.

Rafael Barradas e as «Edições VIC» estão de parabens. Felicitando sinceramente Rafael Barradas pela publicação do «ABC do Pugilismo», desejamos que o êxito corresponda à expectativa criada pelo valor do livro na propaganda do «boxe».

O 2.º ANIVERSÁRIO do «DIARIO POPULAR»

Festejou há dias o 2.º aniversário o «Diário Popular», nosso prezado colega da tarde, ao qual nos ligam excelentes laços de camaradagem.

Regosijando-nos com o êxito crescente do popular vespertino — que dedica à causa desportiva particular carinho, através do trabalho brilhante de análise e propaganda de Ricardo Ornelas, nosso estimado amigo e colaborador — apresentamos ao «Diário Popular» sinceras felicitações, com os melhores votos de prosperidades.

DESPORTOS DO «STICK»

ESTE campeonato nacional de «hockey» em patins, sexto da série, com triunfos anteriores do Sporting (1939), Futebol Benfica (40, 41 e 43) e Paço de Arcos (42), está interessando vivamente a «aficion» — permite-se-nos o termo — da modalidade.

A vinda do Infante de Sagres a Sintra e Pago de Arcos, despertou, é certo, curiosidade suficiente para que o público aparscesse: mas não foi em grande número, limitando-se a assistência quase à gente da terra... Inconvenientes de não haver jogos em Lisboa e do desequilíbrio de valores entre clubes do Porto e da capital do País — se bem que os representantes sudistas não sejam propriamente da cidade, mas sim dos seus extrodos.

Quem ganhará o torneio e o almejado título? A pregunta é fácil de fazer, a resposta é que parece difícil, pelo menos nas circunstâncias actuais... Tanto o Académico como o Infante de Sagres hão-de fazer valer «em casa». Quando estas linhas escrevemos, ainda não havia conhecimento dos resultados do H. C. Sintra no Porto (v. já-se secção de acontecimentos) mas parecer-nos que os sintenses, estreitamente na competição, devem ter sentido os efeitos da «síndrome». E não nos esqueçamos de que o Paço de Arcos tem de jogar também no Porto, precisamente na última jornada, nessa altura com as classificações já um pouco definidas.

O desafio de hoje, em Sintra, pode indicar o vencedor. É natural que assim aconteça — só menos como «aviso prévio». Mas o Infante de Sagres (que veio perder a Sintra e a Paço de Arcos, respectivamente, por 2-7 e 1-9) e o Académico, visitante nos próximos dias 1 e 2 de Outubro, hão-de querer, por certo, fazer valer os seus direitos no Porto. Uma coisa, porém, se conhece: o interesse pela competição, agora maior que em torneios similares disputados anteriormente, com semelhança ao de 1943, em que o Académico esteve, por um triz a ganhar o título.

No ano passado (vitória do Futebol Benfica sobre o Paço de Arcos, 4-3 e 2-1) a revelação

partiu do estreante Académico, o melhor representante do Porto em todas as competições do género efectuadas até então: os académicos que veneram o Paço de Arcos (9-2) e o Futebol Benfica (5-1), «em casa», vindo perder a Lisboa, respectivamente, por 4-8 e 0-3, só não conquistaram o título por um prodígio de vontade dos benfiquenses, apostados em dar essa «recordação» ao seu guarda-redes, em vésperas de partida para Lourenço Marques.

Era interessante, realmente, que figuressse nome novo na lista de vencedores; mas o Paço de Arcos, uma vez campeão, é de facto o «team» em caminho mais seguro...

Acabou o período do «desfê» para o «hockey» em campo e os clubes começaram a sua actividade, uns treinando sómente e outros projectando desafios com público à vista. Belenenses e Futebol Benfica fizeram apresentações anteontem, integrando o jogo nas comemorações do aniversário do primeiro. No dia 5 de Outubro, o Benfica vai a Setúbal. É um princípio de temporada assim prometedor — mas a época só abre, oficialmente, com o torneio habitual da Associação, em meados de Outubro próximo.

Hoje, em Santo Amaro de Oiras, efectua-se o festival em benefício do Oficinato-Escola «Santa Isabel», de Albarquel, transferido de quinta-feira para virtude de mau tempo. Jogam veraneantes santamarenenses e dois outros grupos, do Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa (João Eugénio, José Manuel, Sádono, Olivério, Sanches e Luís Ferreira) e de amigos do Sporting de Oeiras, fazendo a gentil Ivone Tóres, do Lisgas, uma demonstração de patinagem artística. Eis um bom espectáculo em perspectiva.

Volta a falar-se, com certa insistência, na construção de novos «rinks» e na inauguração outros. Movimentam-se actividades, sinto-me claro de interesse, mas não se sabe ainda quando é que haverá um recinto coberto, ideal de todos os patinadores.

J. M.

A fundação do União Futebol Coimbra Clube data de 2 de Junho de 1919. O clube conta, portanto, 25 anos.

Teve como outros clubes, começo bem modesto. Foi fundado, num período de boa iniciativa, por um grupo de rapazes que costumava reunir, às tardes, debaixo das palmeiras existentes no antigo Largo de São João, actualmente Praça 8 de Maio. Faziam parte desse grupo Manuel Correia (Pastelheiro), Mário Santos, Alberto Bengala, Júlio Santos, Augusto Serra, Alberto e Francisco Carvalho, Adérito Santos, Altino Esteves e Luís Lucas. Este último ficou sendo o sócio nº 1, número que conserva como título de glória para si.

O União tem sido, desde o seu princípio, o clube da gente trabalhadora. E nessa classe que conta o maior número de sócios e simpatizantes.

OS PRIMEIRO ANOS

Como o próprio título indicava, o União fundou-se especialmente para a prática do futebol. Dedicou-se por isso ao popular desporto, desde o princípio da sua existência. Procurou bater-se com os outros clubes de Coimbra, e não encontrou nêles entusiasmo suficiente para a marcação de jogos. Não se reconhecia ao União categoria para tais adversários. Os primeiros desafios do União limitaram-se a jogos amigáveis com os internados do Colégio dos Orfãos.

Para remediar o inconveniente da falta de adversários, resolveu o União, passado cerca de um ano, intituir dois trofeus — «Bronze União» e «Taça Conimbricense», trofeus que foram ganhos pelo clube organizador, sendo estas as primeiras taças conquistadas pela nova colectividade, após dois anos de sucessivas vitórias.

O primeiro grupo constituído no União foi uma segunda categoria. Com este «team» entrou na disputa dos torneios já indicados. Dos respectivos jogadores, que são pioneiros do futebol dentro do União, não veio nenhuma revelação como jogador excepcional, à excepção de António Rodrigues (Nito), durante muitos anos o melhor guarda-redes conimbricense.

NO CAMPEONATO DO CENTRO

Em 1920, o Sport Clube Conimbricense, animado talvez com o éxito obtido pelo União, lançou-se numa iniciativa de maior relevo — a organização do campeonato do centro do País, instituindo, como prémio de honra, a «Taça Agostinho Costa».

Anda na tradição do clube a sua vitória neste campeonato, a que concorreram, além do Sport C. C., o União, a Académica, o Sporting Clube de Espinho e os «Leões» de Santarém. Num jornal da época («Football», de 6-III-1920), encontramos, porém, a notícia de haverem triunfado os «Leões» de Santarém, num conjunto de oito concorrentes. A respectiva final disputou-se entre os «Leões» e a Associação Académica, ganhando o clube scalabitano, por 1-0.

Em 1920-21, segundo ano da disputa da «Taça Agostinho Costa», ainda como campeonato do centro do país, é que a vitória pertenceu ao União, depois de bater o Gimnásio Clube Figueirense, a Associação Naval 1º de Maio, ambos da Figueira da Foz, o Sport Clube Conimbricense e a própria Associação Académica. O União conquistou nessa época o primeiro título de campeão. E a taça foi para aquele clube.

A RIVALIDADE UNIÃO-ACADEMICA

Data desta altura a rivalidade estabelecida entre o União e a Académica, um tanto como reflexo das lutas entre académicos e não-académicos. A Associação Académica não chegara ainda à supremacia depois largamente afirmada em épocas sucessivas. O seu «onze» era, no entanto, bastante forte,

CLUBES DA PROVÍNCIA

O UNIÃO FUTEBOL COIMBRA CLUBE

e a sua obra em 25 anos de existência

distinguindo-se Raimundo, guarda-redes, Júlio Ribeiro da Costa e José do Nascimento, defesas, Teófilo Esquivel, médio centro, e Prudêncio, Montalvão, Leandro, Galante, Daniel, Guimarães e Pais, nomes que apareceram em grande parte dois anos mais tarde, na célebre final do campeonato de Portugal, em 1922-23.

Por parte do União alinhavam em geral: António Rodrigues (Nito); Luis Lucas e Correia; Gonçalves, Aurelino Lima e Parola; Lousa, Lúcio, Francisco Correia, Graciano e Alvareca.

Em 1921-22, entrou o União, novamente, na «Taça Agostinho Costa», ao lado dos seguintes clubes: «Leões» de Santarém, Sporting de Espinho, Sporting Clube Figueirense, Associação Naval 1º de Maio, Sport Ribeira Viriato, de Santarém, Sport Clube Conimbricense e Moderno Futebol Clube. O União voltou a ser apurado finalista, mas o jogo não chegou a disputar-se.

A iniciativa do Sport perdeu-se, com a marcha do tempo, como consequência de falta de escrupulos de alguns clubes concorrentes, na constituição dos grupos que os representavam. No primeiro ano e para citarmos um exemplo, os «Leões» de Santarém reforçaram o seu «onze» com José Bastos, Artur Augusto e Alberto Augusto, do Sport Lisboa e Benfica, todos eles jogadores de grandes recursos.

As discussões travadas a propósito deste torneio, e de outras iniciativas idênticas, levaram à fundação da Associação de Futebol de Coimbra, em 28 de Outubro de 1922, sendo o União um dos sócios fundadores. A temporada de 1922-23 teve pois como fulcro da actividade local a fundação da A. F. C., disputando-se na referida época o primeiro campeonato distrital.

OS CAMPEONATOS DISTRITAIS

O União alinhou no primeiro campeonato organizado pela Associação de Futebol de Coimbra, juntamente com os seguintes clubes: Académica, Moderno, Aviz, Sport, Nacional, Esperança, Vitória, «Onze Brancos» e «Conimbricenses». Ficou campeão o «onze» da Académica, com o União em segundo lugar, posto em que o União se manteve até 1926.

A rivalidade entre o União e a Académica entrou num período de maior projeção local. O União começou a tornar-se notado como clube de boa categoria, deslocando-se muitas vezes à Figueira da Foz, a convite dos melhores clubes daquela cidade.

Em 1925-26, apareceram novos valores entre os jogadores unionistas, cotando-se alguns deles entre os melhores de Coimbra, pela qual foram seleccionados muitas vezes. Desses «team» faziam parte, entre outros, Adelino Cabelo (Pera), Emenérico, Carlos Sousa, Julito, Leonardo, José da Silva, mé-

dio centro até há pouco tempo, Manuel de Oliveira, excelente defesa que depois se distinguiu como árbitro, Ferreira, Luís Simões, etc.

Com estes elementos, ganhou o União os campeonatos de primeiras categorias de 1925-26 e 1926-27, obteve uma vitória brilhante na «Taça Cidade de Coimbra», em 1927-28, e conquistou outros triunfos em campeonatos, até 1931-32.

Quando alguns destes jogadores tiveram de se afastar dos campos de futebol, veio um período de crise que se prolongou durante vários anos, chegando por vezes a deixar o segundo posto nos campeonatos distritais, como clube que se seguia à Associação Académica, em valor no futebol e noutras desportos.

EM FASE DE RESSURGIMENTO

Em 1942, um grupo de sócios dedicados deu novo impulso à colectividade, procedendo a uma renovação de valores, e tirando excelente proveito do cuidado com que, em épocas anteriores, se dedicou o clube à preparação das suas equipas de júniores e infantis. Alguns dos elementos aproveitados nos campeonatos de 1942-43 eram bastante inexperientes. Por esse motivo, só na temporada seguinte deram boa conta das suas possibilidades.

A renovação dos vários grupos de futebol, no União, traduziu-se numa melhoria global da equipa de honra e teve por expressão mais lisonjeira a presença do clube nos «quartos de final» do Campeonato de Portugal da II Divisão em 1942-1943, e a temporada brilhante de 1943-44, que permitiu a entrada do União, nas «meias-finais» do campeonato da II Divisão.

UMA VITÓRIA QUE É UMA PROMESSA DE MELHORIA PARA O FUTURO

O União Futebol Coimbra Clube, segundo no campeonato de Coimbra, ganhou a «poule» de entrada no Campeonato da II Divisão, com dois pontos de avanço sobre o Lusitânia. Dentro da sua zona, bateu o Sporting de Espinho, por 4-1, no campo da Arregaca, em Coimbra, e uma semana depois, o Académico de Vizeu, por 2-0.

Passou assim aos «quartos de final», ganhando ao Sanjoanense, de São João da Madeira, por 2-0. Na meia-final, sofreu a primeira derrota, por 0-3, em frente do Sport de Vila-Real.

Na «Taça de Portugal», voltou a brilhar. Defrontando o Olhanense, em Coimbra, venceu-o por 4-0, perdendo depois em Olhão, com o resultado de 0-3. No conjunto dos dois desafios, ficou com 4-3 a seu favor. Pôde, desse modo, chegar aos «quartos de final» do importante torneio. O sorteio deu ao União, como adversário, o Vitória de Guimarães. Naquela cidade, perdeu por 1-7; em Coimbra registou-se o empate, de 1-1. Não pôde evitar a eliminação.

O União de Coimbra saiu da prova numa altura em que ia com excelente balanço. Para a história da «taça», como para a história do clube, ficou a retumbante vitória obtida contra o Sporting Clube Olhanense. Entre outros resultados conquistados na última época merecem ainda registo os seguintes — vitória contra o Sporting Clube

(continua na página seguinte)

UM TÍTULO DE GLÓRIA PARA O UNIÃO F. C. C.

Como justo e oportuno prémio para a actividade desportiva do União de Coimbra, em 25 anos de existência, o Governo agraciou recentemente o clube com o Grau de Cavaleiro de Ordem de Benemerência.

O União Futebol Coimbra Clube

OBSERVADO POR LUIZ LUCAS

«Somos uma força e temos uma posição a defender, dentro do desporto local»

PARA a entrevista habitual não recorremos desta vez a nenhum director do clube visado. Preferimos ouvir o sr. Luis Lucas — o sócio fundador que tem o número de honra — por ter a sua acção ligada permanentemente ao União, numa obra de vinte e cinco anos que não cansa — em espírito de dedicação e em confiança no futuro da colectividade. Não se pode falar no União de Coimbra, sem se pensar em Luis Lucas. De tal modo se interessa pela existência e pelo progresso do seu clube, tão sinceramente o considera como segunda família, que já se pediu para reservar à família de Luis Lucas o número um dos sócios do antigo clube. Fundador, jogador de futebol nos primeiros anos do Clube, técnico desportivo na colectividade, director — e sempre na primeira fila, entre os melhores. Luis Lucas pode falar em nome do União.

Mas o sr. Luis Lucas é ainda uma figura de relevo em Coimbra, não só pelo seu entusiasmo a favor da causa nobre de todos os desportos, como pelo seu aprumo. Conta gerais simpatias, naquela cidade. É membro do Conselho Técnico da Associação de Futebol de Coimbra, lugar para que é reeleito sucessivamente, há muitos anos.

Luis Lucas conhece bem os problemas do União, tódas as aspirações e toda a sua história. Não foge nunca à explanação dos pontos de vista que tem sobre qualquer assunto. E é amabilíssimo para com a Imprensa.

Não houve portanto nenhuma hesitação, da sua parte, quando lhe dirigimos estas perguntas:

— Que pensa da situação que o União atravessa de momento? É boa? Quais são as perspectivas do clube depois da temporada brilhantíssima dos últimos campeonatos de futebol?

A resposta vem prontamente:

— O público gosta de ver um clube fazer boa figura e sente a necessidade de estimular qualquer obra nesse sentido. No União, o trabalho de valorização das suas equipas de futebol, e o comportamento notável do seu «onze» de honra nos campeonatos, deu, quase imediatamente, este resultado lisonjeiro, que é uma promessa para o futuro — o número de sócios saltou de cerca de 400, para 1.200, aproximadamente.

— Criámos, assim, grandes responsabilidades perante o público. Mas não nos metem medo. Continuaremos a trabalhar no sentido de corresponder ao carinho que os sócios e o público nos dispensam, sem nenhum atropelo para os que comungam na mesma ideia de prestar e desenvolver o desporto. Disciplina e desportivismo, é o lema que procuramos inculcar nos nossos atletas e associados.

As considerações de Luis Lucas voltam entretanto a incidir sobre o aumento de sócios:

— Com esse aumento, elevou-se a receita que provém da quotização. E manteve-se durante o defeso do futebol. Estabilizou-se nesse período de descanso, quando o público perde o contacto com o futebol. É portanto animadora, pelo que deixa entrever como facilidades de gerência. Sem dinheiro, não se faz nada. Para já, e como natural resultado das novas perspectivas do clube no que respeita a finanças, temos assente fazer obras na sede e no campo de jogos. E não deixaremos de impulsionar a prática de outras modalidades desportivas. A secção recreativa do União terá porém o encargo de angariar receitas especiais para essas modalidades.

Fala-se depois do futebol e Luis Lucas diz-nos:

— Devemos manter o mesmo grupo de

honra que nos representou na última época do popular desporto, embora outros clubes de várias regiões procurem reforçar as suas equipas com jogadores nossos. Será, de certo modo, a mesma gente, mas noutras moldes, com a secção de futebol a trabalhar em conjunto com a direcção, a ver se conseguem trabalho mais profícuo. Quanto a transferências e, confiamos inteiramente na lei e no regulamento da Direcção Geral dos Desportos, contra a ameaça que impende sobre nós. E acerca de preparação, contamos com o auxílio valioso de Francisco, que tomou parte no curso de aperfeiçoamento de treinadores, promovido pela Federação Portuguesa de Futebol.

Relativamente a outras modalidades em prática no União, esclarece Luis Lucas:

— Não nos limitaremos ao futebol. Os outros desportos não serão esquecidos. Trabalharemos, até, pelo seu desenvolvimento, ampliando, se for possível, os triunfos conquistados em alguns deles, como, de momento, na natação.

— Temos, assim, como programa geral de trabalhos para o União — fomos nós a dizer... Mas Luis Lucas tomou a iniciativa de o expôr, cortando a nossa pregunta:

A vida do União de Coimbra

(continuação da página anterior)

da Covilhã, na Guarda, para inauguração de um campo daquela cidade; e o «score» de 8-0, contra o Boavista Futebol Clube, do Pórtio.

AS INSTALAÇÕES DO UNIÃO

O União Futebol Coimbra Clube tem uma boa sede, próximo do centro da cidade. Tem também campo para futebol — o campo da Arregada, junto da estrada da Beira, perto da cidade. É um dos campos mais antigos, em Coimbra.

OS MELHORES VALORES EM FUTEBOL E NOUTROS DESPORTOS

No futebol, tem passado pelo União jogadores de primeiro plano. António Rodrigues (Nito) foi o que mais se distinguiu no começo da existência do União. José da Silva merece, porém, a classificação de elemento mais representativo, dentro do clube. Constituiu um caso curioso de longevidade desportiva, sempre em jogador de primeira categoria. E chegou a ser escolhido para a Seleção Nacional, embora como suplente. Foi um grande jogador.

Mas o União não se tem limitado ao futebol — e outros desportos tem igualmente brilhado. Em ciclismo, inscreveu o seu nome

— Primeiro, arranjar mais sócios. E já agora — interpõe — permita que eu fale de José da Silva. Foi um grande atleta, e é um excelente propagandista e angariador de sócios. É uma autêntica dedicação, das melhores, pelo clube. Não descansa, na tarefa a que se entregou com entusiasmo.

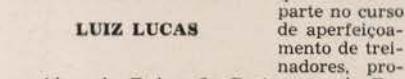
— Depois, queremos as obras na sede e no campo, e alargar o número de desportos em prática no clube. Deligenciaremos merecer o auxílio da Câmara Municipal de Coimbra, a exemplo do que fazem as Câmaras do Funchal, Viseu, Braga e Ovar, que são as que mais ajudam o desporto dentro da área da sua jurisdição.

— Há um problema de ordem geral, no futebol português, que nós gostaríamos de ver resolvido de modo favorável aos nossos pontos de vista: o alargamento do número de clubes que fazem parte da I Divisão. Penso, abertamente, que este alargamento seria de grande utilidade para a expansão e progresso do futebol. Reconheço, sem dúvida, as dificuldades de transportes. E, todavia, natural que uma zona no sul e outra no norte dessem viabilidade ao alargamento. O União não destaria, no campeonato da I Divisão, nem desportivamente, nem financeiramente, como ficou provado, na última temporada, com os desafios da «Taça de Portugal», que provocaram no nosso campo receitas muito superiores às que se fizeram nos campos dos nossos adversários.

E o sr. Luis Lucas fecha a entrevista dizendo:

— Como vê, somos uma força, dentro do desporto local, e temos, dentro da cidade e do distrito, uma posição a defender, a que resulta do valor e das características da colectividade. Continuaremos a seguir as directrizes que presidiram à fundação do União: somos do povo e é nesta classe, dos que se orgulham do seu trabalho esforçado, que o clube há-de continuar a recrutar a maioria dos seus atletas, sócios e simpatizantes.

— Esta orientação tem merecido o agrado de algumas entidades oficiais da cidade, do distrito e do próprio Governo do país. A Câmara Municipal de Coimbra, e ao Governo Civil do Distrito, devemos, realmente, muitas atenções. E o Governo da Nação acaba de agraciar o clube com o Grau de Cavaleiro da Ordem de Benemerência. É um título de glória que fica no historial do clube como galardão oficial pela sua obra desportiva num quarto do século!»



LUIZ LUCAS

na lista gloriosa dos vencedores do Pórtugal-Lisboa em estrada. Manuel Alves Pires ganhou a referida corrida em 1926, num «tempo» que se aproximava do «record» de então. Outros corredores se salientaram em diversos anos: José Bernardo Ferreira, que morreu muito novo, Manuel Prior, Moreira Tagarela e Augusto Pereira.

A secção de atletismo mantém-se há anos em actividade. O seu atleta de mais valor, de um valor que se afirmou como dos melhores em todo o país, foi Diamantino França. Era o rival mais directo de Manuel Dias, entre 1.500 e 5.000 metros. Em 1930, fixou os recordes de juniores de 1.000 e 3.000 metros, respectivamente em 2 m. 44 s. 4/10 e 9 m. 36 s. 10/10. E em 1944, quatorze anos mais tarde, bateu ainda um «record» de seniores, nos 1.500 metros planos.

É na natação que o União se tem afirmado melhor, nos últimos anos. E o seu elemento mais representativo é Ilda Raposo, vencedora dos campeonatos nacionais de 100, 200 e 400 metros livres, e 200 metros de braços. Tem sido campeã regional e recordista em vários anos. Luis Franco foi a revelação dos campeonatos desse ano — e é nadador de largo futuro. Alberto e Carlos Mesquita são bons nadadores de «crawl». O União tem um outro recorde — o do maior número de raparigas dedicadas à natação.

O União S. C. de Beja

(Continuação da pag. 3)

tão bem se houve essa comissão que conseguiu não só aguentar o clube, como proporcionar-lhe a época mais animada e brillante da sua existência. No campeonato de Beja, foi adversário volátil, contra o Luso. No torneio de apuramento para o Campeonato Nacional da II Divisão, perdeu o primeiro lugar por falta de sorte — e por não transformar uma grande penalidade, no desafio entre os dois rivais.

A subida de forma do União, provocando útil rivalidade com o Luso, campeão tradicional, contribuiu para animar o futebol em Beja, libertando-o da apatia dos últimos anos.

Durante tóda a temporada, o Luso e o União disputaram 7 jogos. O União triunfou em quatro, perdeu dois e empatou um. Contra o Luso, ganhou dois trofeus — taças «R. d'Al Limpreira» e «D. Maria Ana Lovas Lima». Ganhou, também, a taça «Comissão Municipal de Turismo do Moura», batido por duas vezes o Moura Atlético Clube.

Pois o União, que atacavam um período grave há pouco tempo, coroou a fase de ressurgimento com a inauguração da sede, quase à ilharga do imponente edifício do correio. Ficou, assim, num local excelente, com instalações condignas.

Este melhoramento representa notável ponto de partida para uma secção de mais relâvo, que pode servir para levar o União a um progresso que consolidaria definitivamente o seu futuro. A vontade esforçada dos directores, a dedicação dos seus associados e a grande popularidade que o União despertou no público da sua terra, são garantias esplêndidas.

Agora, que o União entrou em nova e importante fase de uma existência que tem sido útil ao desporto, é justo lembrar, como estímulo, os

ACONTECIMENTOS DA SEMANA

CICLISMO — No velódromo do Lima efectuou-se uma reunião nocturna, que forneceu os resultados seguintes: Crítico de 30 voltas, para amadores — 1.º Onofre Tavares (F. C. P.), 21 pontos; José Novais (I. C. D.), 14; 3.º Amândio Monteiro (Iluminante), 6; 4.º José Rodrigues (Salgueiros), 1 ponto. Duas horas à americana, para iniciados — 1.º F. C. P. Pórtio (Aniceto Braga e Jorge Ferreira), 126 voltas, à média de 31.100 quilómetros e 15 pontos; 2.º Salgueiros (Manuel Pereira e Império dos Santos), 13 pontos; 3.º Iluminante (Eduardo Lopes e João Rebelo), 12 pontos; 4.º Académico (Manuel Cardoso Jerónimo Souza), 9 pontos; 5.º Iluminante-B (Jorge Pereira e Manuel Rocha).

* * * Fernando de Sousa Oliveira ganhou o torneio de preparação de Miramar.

HOCKEY — EM PATINS — Em continuação do campeonato de Portugal, disputaram-se, no Porto, mais dois desafios. Com a deslocação ao H. C. Sintra, estreantes no torneio — os estrangeiros foram inteiramente felizes, pois ganharam os dois encontros, no Infante de Sagres por 6-5 e no Académico por 6-1. No primeiro jogo, os sintrenses lutaram com dificuldades de adaptação, triunfando com esforço; mas contra os campeões do Pórtico estiveram mais à vontade.

NATAÇÃO — Na barra do rio Douro disputaram-se duas provas, promovidas pelo Salgueiros, ganhas por Adriano da Fonseca e Joaquim da Conceição.

— A travessia do Douro registou triunfo colectivo do Salgueiros, equipa formada por Domingos, Feliciano e António. O mesmo clube cujo interesse pela modalidade é notório — ganhou também a prova entre as pontes de D. Maria e de D. Luis, classificando-se João Concreto e António Gonçalves nos dois primeiros lugares. António Valente, Luís Manselos e Fernando Braga, do Galitos da Fox, ocuparam os lugares seguintes.

PATINAGEM — O Ateneu Comercial promoveu anualmente, no «rink» de Santo Amaro de Oeiras, um festival de homenagem ao Clube Nacional de Campismo. Tomaram parte elementos do Ateneu, Paço de Arcos e Sporting de Oeiras, sendo apresentadas a «troupe» excêntrica Lupino Latino e Zéguita.

— Na praia do Sol (Costa da Caparica) disputaram-se anualmente «esfinges» infantis, durante uma festa a favor da Casa dos Pescadores.

TENNIS — Nos «courts» do Estoril Parque disputaram-se os campeonatos locais de juniores e infantis. Nas meias-finais apuraram-se os resultados seguintes: Singulares — Infantis: 1.º M. Pinto v. T. Gomes, 6-2 e 8-5; 2.º Estácio v. G. Lobo, 6-4 e 7-5. Singulares — juniores (masculinos): 1.º J. Pinto Martins v. O. Honra, 6-2 e 6-1; G. Lobo v. Mário Breyner, 6-1 e 6-1. Singulares — juniores (femininas): Maria José Silva v. Valentina Laveleye, 10-8, 4-6 e 8-6; Jacqueline Favresse v. Joyce Tayt, 6-3 e 6-1.

No Estrangeiro

ATLETISMO — Teve fóruns de sensacional uma prova de 3.000 metros, disputada recentemente em Malmö e da qual participaram Gunders Hägg e Viljo Heino. O primeiro, que detém o «recorde» mundial com 8 m. 1 s. 310, gastou 9 m. 9 s. e 810, e o seu adversário 8 m. 10 s. 810.

— Em Valencia, no Estádio da Frente das Juventudes, dois atletas de Sagunto, Meliner e Roura, bateram o «recorde» universitário de «pentatlo». O segundo totalizou 2.009 pontos e o primeiro 1.942. O «máximo» anterior pertenceu a Moliner, com 1.931 pontos.

BOXING — Efetuou-se em Bellevue (Manchester) um encontro para o campeonato de «pesados» do Império Britânico, sendo adversários Jack London e Freddie Mills. Ao fim de 15 assaltos de alta valorosa, Jack London foi declarado vencedor, por pontos. Nos primeiros «rounds» a luta foi equilibrada; depois Freddie Mills teve ligeira vantagem, insuficiente, no entanto, para a reacção de Jack, no final.

— No decurso de uma sessão celebrada na praça de touros de Valencia, Lázaro venceu Cuadrador por «K.O.», ao 6.º assalto, e Young Cyclone fez combate nulo contra Marcos.

FUTEBOL — Cerca de 60.000 espectadores assistiram em Liverpool ao primeiro encontro internacional da temporada, no qual as equipas da Inglaterra e do País de Gales ampararam 0-2.

— Na última jornada do campeonato argentino, os três clubes da vanguarda da classificação conservaram as diferenças de pontos que trouxeram da jornada anterior, pois tanto o Boca Juniors contra o Old Boys, como o River Plate contra o Rosário, e ainda o Huracán contra o Atlante, não conseguiram mais do que empataz — respectivamente 4-4, 0-0 e 2-2.

HIPISMO — Em New Market assistiu-se recentemente à celebíssima corrida de cavalos de «Saint Leger», que este ano despertou singular interesse. A aflição da pista começou a verificar-se três horas antes da marcadura para a prova.

“Teheran”, montado pelo famoso «jockey» Gordon Richard, ganhou a corrida de maneira emocionante, adiantando-se a “Borealis”, montado por E. P. H. Smith.

Aga Khan, proprietário de “Teheran”, ganhou a prova pela quinta vez.

NATAÇÃO — Os espanhóis estão a dedicar grande interesse à natação. Prova-o o facto de já estar designado o local para a efectivação dos campeonatos nacionais de 1945.

TENNIS — No 39.º Campeonato Internacional de San Sebastian, que decorreu com muito interesse e que teve a participação do campeão de Portugal, José Roquette, este jogador eliminou nos quartos de final o húngaro Szawatz, por 7-5, 4-6 e 6-3, e peleou na meia final contra Romano, o italiano vencedor da prova.

INICIATIVAS DA «STADIUM»

VAMOS MOVIMENTAR O CICLISMO DE COMPETIÇÃO?

É grande a expectativa nos meios ciclistas pelo que a «Stadium» se propõe fazer em benefício da velocipédia. Quer o «Curso de Ciclistas» — que tem por fim ministrar a todos quantos estão ligados a modalidade um mínimo de conhecimentos que lhes permita determinado aperfeiçoamento técnico, quer a «Prova Iniciação Flecha», corrida destinada a revelar novos valores para o ciclismo de competição, ambas as iniciativas foram acolhidas com entusiasmo, podendo desde já afirmar-se que têm êxito assegurado.

O Curso de ciclistas

Logo no primeiro dia em que foi comunicado que se aceitavam inscrições para este curso, acorrem a fazer anotar o seu nome uma dezena de entusiastas, não só ciclistas como até pessoas que, não o sentem, têm a sua vida ligada ao ciclismo, tais como mecânicos de bicicletas, dirigentes de secções e simples vendedores de artigos velocipedicos.

Isto prova que a ideia despertou curiosidade e facilmente conseguiu o seu objectivo!

Como certamente já se depareceu, dirigir-se o curso o nosso prezado companheiro de trabalho Gil Moreira, competente crítico da modalidade, técnico dos maiores sabedores e que há muitos anos divulga, com carinho e persistência inegualáveis, os mais íntimos pormenores da modalidade. Baseado no estudo que tem feito de tudo quanto se relaciona com o ciclismo de competição e com o ciclo-turismo, e possuidor de vasta documentação sobre a modalidade, Gil Moreira terá desta feita oportunidade para ensinar quanto sabe — o que, diga-se desde já, será grata satisfação para todos que desfrutarem o prazer de o ter como instrutor.

Ainda não está escolhido o local onde funcionará o curso, porque isso depende do número de inscritos. Uma coisa é, porém, certa: a inauguração do curso far-se-á no dia 14 de Outubro, na sede da Federação de Ciclismo.

Como dissemos, todos os inscritos neste curso terão direito a descontos nas compras que efectuarão em determinados estabelecimentos de bicicletas. Até agora, concedem esses descontos as casas Eduardo Martins, Stand «Flecha», António Augusto de Carvalho, António Germano e Mário Pereira Bandeira.

As primeiras inscrições registadas são as de: Francisco Gonçalves, Acácio Dias Fontes, Américo Pereira, Júlio Vieira Gomes, Manuel Espírito Santo, Vasco Veríssimo Fernandes, João da Silva Pereira, Alvarinho Gomes, Aníbal Silva, Justino dos Santos, Alfredo de Oliveira e Rogério da Silva.

A Prova de Iniciação

Já foram enviados aos clubes de Lisboa e arredores os convites para a inscrição na «Prova de Iniciação Flecha», a qual, como noticiamos, será disputada em 4 pequenas tiradas. Esta prova, que se destina a cortadores iniciados ou ciclistas que nunca tivessem corrido sob os regulamentos da Federação, está marcada, em princípio, para os dias 28 e 29 de Outubro, sábado e domingo.

No primeiro dia disputar-se-ão as tiradas Lisboa-Sintra e Sintra-Lisboa; no segundo dia as etapas Lisboa-Torres e Torres-Lisboa.

Entre outros prémios haverá uma bicicleta de corrida, marca «Flecha», destinada ao vencedor absoluto da prova.

Embora estejamos ainda longe da data marcada para esta interessante e inédita competição, está já assegurada a inscrição de corredores do Sangalhos e do Benfica.

* * *

O «Sport Lisboa e Benfica», nosso prezado colega, refere-se, no seu último número, à iniciativa da «Stadium» e aos trabalhos de Gil Moreira para a criação da escola de ciclismo, fazendo-o em termos de franco aplauso. Ao «Sport Lisboa e Benfica» apresentamos o nosso melhor agradecimento pela sua atitude de boa camaradagem.

Pelos Clubes

Handball e Rugby no Benfica

Na secretaria do S. L. Benfica está aberta a inscrição para sócios e simpatizantes que queiram representar o clube em handball e rugby. Os treinos da segunda modalidade começam a verificar-se três horas antes da marcadura para a prova.

Basketball no Internacional...

O velho C. I. F. abriu a inscrição para os associados que o quiseram representar em basketball. Os treinos efectuam-se aos domingos de manhã e às quintas-feiras à noite.

...e no Campo de Ourique

Também o activo Clube Atlético Campo de Ourique convida os seus sócios e simpatizantes a inscrever-se na secção de basketball, para efeitos da representação do clube na próxima época.

Cascalheira Atlético Clube

O Cascalheira A. C. elegeu novos corpos gerentes. A direção, constituída sob a presidência de Carlos Meneses, é formada mais por António M. Costa, Cândido Rodrigues, José Cruz, Mário P. Pereira, Militão Valente e José M. Alves.

Registamos e agradecemos o voto de louvor à «Stadium», aprovado em assembleia geral.



OS GRANDES TORNEIOS DO FUTEBOL BENFICA E SPORTING AFIRMAM SUPERIORIDADE TÉCNICA SÔBRE OS RESTANTES CONCORRENTES

MAIS um passo na difícil escalada em que sucumbem aquéllos temos que não estão bem apetrechados, sob o ponto de vista físico e técnico, não tendo como base indispensável das suas exibições a clamação clubista. Um clube, tal qual é, com as suas tendências e características, reflecte-se em campo, na actuação dos grupos. Por que é que um joga, normalmente, com mais vida do que os restantes? Por que outro pratica um futebol frio, porventura de boa técnica, mas sem palpitação?

Importa frisar, antes das considerações que temos a fazer, que a jornada ficou imputada do encontro marcado para a Amoreira, no Estoril, tendo sido o campo julgado incapaz pelo juiz. Verdade, não deixa de ser curiosa a decisão, tanto mais sendo certo que em Lisboa, por efeito das chuvas, os campos estavam enrugados de lama, mas perfeitamente utilizáveis. Pela época adiante deverá jogar-se em bem piores condições!

Os dois jogos disputados forneceram medida técnica muito acitada, resultando um espetáculo que se viu com agrado. Mesmo com pormenores tórra do vulgar, e de verdadeira classe. Um dos estupendo ali, um toque de bola precioso acolá. Coisas que não se vêem todos os dias.

O Benfica foi o único que desceu ao terreno com a mesma visão do primeiro dia, embora com o médio-cetro roscado. Fiel ao princípio de que enquanto possível não se deve mexer em temos que vence dando conta da tarefa, o Benfica preferiu submeter-se à fórmula, a apresentar um grupo que, sómente com a mudança de uma unidade, seria muito diferente.

Os outros três grupos, ou aproveitando as experiências da primeira jornada, ou como resultado de inutilizações (*a lei do less*), começaram a funcionar ao mesmo tempo que o torneio, apresentaram-se com formações diversas, em relação ao primeiro dia, e estas com certa curiosidade.

O Atlético foi aquele mais duramente posto à prova, e isto influiu seriamente na partida de Santo Amaro — enquanto a Tapadinha se articula com auxílio da Federação — mudou de interior, trocando Jordão e Jesus por Rosário e Augusto, um reserva e um antigo unionista vindo de fora do continente, ao que julgamos.

O Belenenses rassou Vasco de Oliveira, aquélle que tem tocado todas as ténicas em busca do sítio próprio — encontra-lo-á — para a defesa, introduzindo na linha média, a uma só, um homem de bom toque, com a visível preocupação de dar fôlego à frente. O Sporting, deixando-se de fantasias, remeteu Canário para as suas devidas funções, firmando Veríssimo a médio-centro (não nos parece que definitivamente), e indo o habilidoso e frágil Gomes da Costa, duas qualidades que infelizmente andam muitas vezes juntas, ocupar o posto de extremo direito. Por aqui se vê que não há melhor conselheiro do que a prática. Ainda de que um desafio vale, como indicação, muito mais do que os simples treinos, mesmo em série.

Qualquer das duas arbitragens revelou uma coisa que se tem revelado nos últimos tempos: o horror do penalty.

A luta prossegue com entusiasmo. Primeiros indícios; o enfranqueamento do Belenenses, que o anista do Rio o; o Benfica e o Sporting com forças para decidirem entre eles o pleito; luta renhida para o 3.º e 4.º lugares, posições tão importantes com as duas primeiras — quando se olha pelo ângulo do campeonato de Lisboa na direção do Campeonato Nacional.

— Linha varçada do Benfica, já no ponto 2-nulo.

O encontro no campo de Santo Amaro, com benefícios inéditos que revelam boa vontade clubista, começou com umas perspectivas, acabando com outras. E, de resto, freqüentes, uma face dar-nos outra face bem diversa. Logo se reconheceu que Albino não estava em condições de fazer o jogo — senão saíndo-, dando um ou outro toque, pela sua infundável energia. E que a Francisco Ferreira estava distri-

(Continua na pág. seguinte)



Rogério aponta, por entre os chaves alcatarenses, o 5.º goals do Benfica. Armando Jorge mal esboça a defesa para o oportuno remate

OS GRANDES TORNEIOS DE FUTEBOL

(Continuação das páginas centrais)

budo o papel de desempenhar o que lhe cumpre normalmente, e ainda de cobrir o mais possível o terreno do seu companheiro médio-centro.

Mesmo concordando que tudo se passou como estava combinado, não há dúvida que esse handicap foi aproveitado pelo Atlético, intencional ou ocasionalmente, não importa, para se dar uma série de jogadas pelo centro do terreno, com avanços e inibições, de modo a poder dizer-se que o grupo exerceu domínio durante certo período, relativamente longo, do primeiro tempo. Terminou, no entanto, a perder por 3-1, porque na realidade Benfica foi mais eficiente, sempre mais perigoso na área da verdade, tendo um dos seus elementos (Teixeira) explorado com subtilidade e eficiência duas oportunidades que, para alguns jogadores, porventura de tipo de futebol mais fino e artista, passariam despercebidas, ou não seriam aproveitadas. Certo, o Atlético deu, por Catinama, um golo de bandeira, um golo que deixa satisfeito qualquer jogador e qualquer assistente, mas a verdade é que os tentos têm todos o mesmo valor.

Submetida a dura esforço na primeira parte, a linha média do Atlético (Grégorio) passa a vida dando indicações aos seus companheiros ou fazendo observações, o que pode ser causa de mal-entendidos no conjunto e até de desunão) baixou um pouco, isto é, o suficiente para a linha avançada do Benfica, que já vinha mostrando excelente disposição para os movimentos rápidos, o bom domínio de bolas, o golpe individual de efeito artístico e o remate perigoso, se destacar em tóda a sua pujança, sob a orientação e a graça do Espírito Santo, tendo nas extremidades magníficos atratores. Então, esta dinâmica dominou a situação quase que por completo, conservando muito tempo a bola em seu poder e coagindo o Atlético a adoptar posição e atitude defensivas, facto que nem a passagem de Grégorio para a frente conseguiu quebrar. Eis uma linha avançada que, com duas jornadas feitas, já atingiu o seu zenite.

Inesperada reacção do Belenenses, depois de estar a perder por 3-0.

O Belenenses anda tateando — claramente a braços com o problema provocado pelo desaparecimento de todo o lado direito defensivo. Claro que o remendo, ou o conserto, não se faz num ápice, e o pior é que, entretanto, os pontos fogem...

Com Vasco na defesa e sobretudo com Varela Marques, jogador lento mas de boa colocação de bola, a médio, o quadro aparece mais perfeito. Por ventura tudo se encaminha no bom sentido.

Tal qual o encontro do Lumiar decorreu, não há dúvida que o Belenenses se portou bem. Submetido na primeira parte a duro transe, em condições pouco propícias ao desenvolvimento do jogo de passes rasos ao terreno, com um Sporting, poderoso no ataque e que fez 3-0 à meia hora, o team azul teve ainda forças suficientes para a reacção, se não em condições de êxito absoluto, ao menos de forma a poder dizer-se que foi um bom vencido, isto é, um grupo que soube dar luta ao seu vitorioso adversário.

De 3-0, o Belenenses passou a 3-2, obrigando os leões, um pouco adormecidos pelos louros da primeira parte, a despertar, empregando-se a fundo. Um golo de Peyroteo, aos 31 minutos da segunda metade resolveu, porém, definitivamente, a questão.

A linha média sportinguista mostrou corsão, e individualmente cada um estava muito activo. O bom rendimento do médio-centro contribuiu para que o todo funcionasse com segurança. A linha avançada, em passes lineares, constituiu sempre um perigo na área da penalidade máxima. A eficiência de Peyroteo veio juntar-se o remate forte e preciso do interior Marques. No capítulo de remate, a linha de Peyroteo mostrou-se superior, apesar do Belenenses contas agora com um avançado-centro, como aliás, mais uma vez ficou demonstrado, de engodo pela baliza e de tiro nos pés, mas a verdade é que o fraco rodar fílico dos seus interiores o coloca em manifesta inferioridade sobre a lama e com a bola pensado o dóbro.

Ambos os grupos modificaram os seus alinhamentos no decorrer da luta — por imperativo de choques e lesões.

Verissimo e Quaresma estiveram fora de campo durante algum tempo para receber tratamento e Marques ficou ferido numa vista. Sinal evidente de que o encontro foi disputado com dureza. Que a dureza é uma qualidade a cultivar. Já da violência não se poderá dizer o mesmo!

Tavares da Silva

NA PROVINCIA

Algarve — Na segunda jornada, em que já entrou o Portimonense, com estreia feliz na I Divisão, verificaram-se os resultados seguintes: Lusitano-Sp. Farense, 3-0; Portimonense-Lorrelano, 4-0; Olhanense-Glória, 9-0. Quere dizer: nada de novo na frente algarvia... apenas um resultado «estontante» dos campeões da Glória! Os clubes de Faro andam em maré de pouca sorte: os encarnados não puderam com o Portimonense e desceram de divisão; e os leões, que oito dias antes tinham batido o Glória, sem apelo, perderam agora com o Lusitano. Estreia excelente teve-a o Portimonense, que bateu Loulé de maneira convincente. O Lusitano é favorito — não esquerer que o Olhanense tem um golo a menos! — pois conta duas vitórias e 9-1. Seguem-no: Farense, 4 pontos a 4-3; Olhanense e Portimonense, 3 p., 9-0 e 4-0; Lousitano e Glória, 2 p., 1-0 e 0-3. — C.

Braga — Se na «saída» de inauguração se verificaram dois «scores» rotundos (6-0 e 7-0), nesta houve um, apenas, mas com maior retumbância: os dos «golos» dos leões farense, derrubado pelo Vizela — que parece preparar-se para ser a vítima da prova, imolada ao capricho de quantos o querem derrotar, pelo menos até que deserte da Istralgia em que está. Esperava-se a vitória do Sporting de Fafe — mas não por tamanha diferença de pontos. Um «team» que segue invicto é bem o Vitoria de Guimaraes, na companhia do Sporting bracarense. Ambos têm duas vitórias, mas já com respeito ao Vizela e ao Famalicão, que respectivamente derrotaram pelo primeiro vez. Por coincidência, até os do Guimaraes e de Braga (que na primeira jornada haviam feito os maiores «scores» rotundos a que almejamos em princípio) sofreram agora os seus primeiros «golos». Mercede perabélos o Gil Vicente, que em Barcelos deu 7-1 ao F. C. Fafe, segundo resultado grande da «tronada». Classificação: Vitoria e Sp. de Braga, 6 pontos, 15-1 e 9-1; Sp. Fafe, Vianense, Gil Vicente e Famalicão, 4 pontos, e, respectivamente, 12-5, 7-6, 7-8 e 4-8; Fafe e Vizela, 2 pontos. 4-12 e 0-17. — P. M.

Castelo Branco — Princípio a jogar-se futebol, oficialmente, nesta região — e nessa época. O Sport Lisboa e Castelo Branco foi a Celobais e ganhou ao Industria Celobais por 1-0, portanto, com dificuldades; e na Covilhã derrotaram-se os dous três «teams» locais, com vitória do Sport Li.lobos sobre «Os Covilhanenses» (uma espécie de Benfica-Belenenses da terra). O resultado foi de 3-1. Na próxima jornada, o Sporting covilhanense faz a sua apresentação, que se aguarda com justificada expectativa.

Coimbra — Com segunda vitória consecutiva, e igualmente sem consentimento de um «golo», seguir, na sua baliza, o União creditou-se de boa prova. Oito dias antes, os «unionistas» tinham ido jogar à Anadia — e também regressaram com as rãdes intactas: é, pois, o único clube

A MORTE DE

Horácio Matias

MORREU há dias Horácio Matias, elemento de grande prestígio dentro do Club Atlético Campo de Ourique. Faleceu ainda novo, mas deixando naquele clube uma obra de largos anos. Dedicado ao ciclismo, distinguiu-se, no popular e fiorente clube, pelo maneiro como preparava e dirigia as equipas de ciclistas. Tornou-se mesmo uma figura popular, na sequência de muitas provas. Com o seu conselho e os seus conhecimentos, fez subir ao primeiro plano corredores de fracas aspirações. Há anos, cooperou com o «Século» na preparação técnica dos corredores populares. E era agora uma das pessoas que superintendiam na secção de ciclismo da Sociedade Alâno de Apolo.

Horácio Matias afirmou-se, principalmente, um director de equipas. Sabia manobrar o «ex-dress» dos seus corredores, com vista à vitória em qualquer prova. Deu grande animação a muitas corridas, obrigando os corredores do seu clube a atacar na altura própria. E contribuiu, eficacemente, para a conquista de muitos dos trofeus que o Campo de Ourique guarda na sua coleção de prémios. Foi sob a direcção de Horácio Matias que José Marques atingiu a plenitude do seu valor.

Horácio Matias deixa uns filhos, Celeste Matias, que tem representado o Campo de Ourique em várias provas.

Sentindo bastante o falecimento do desdito desportista, apresentamos os nossos pêsames ao Campo de Ourique e à família do extinto.

OS JOGOS DA II DIVISÃO DA A. F. L.

Os encontros do último domingo — segunda jornada da competição — eram aguardados com apreciável interesse pela possibilidade que ofereciam de confirmação ou rectificação de impressões causadas pelos desafios da «ronda» anterior. E o certo é que a capacidade dos concorrentes começa já a definir-se. Ao cabo de duas «rondas», os oito clubes formam já três grupos: Cheias, Futebol Beira e Operário, com duas vitórias e resultados convincentes; Fósforos e Sacavémenses, com uma vitória e uma derrota; Olivais, Marvilaense e Casa Pia, com duas derrotas.

A nota saliente da segunda jornada foi, indubitavelmente, a elevada marcação de aguas, que se verificou: não menos do que 51, nos quatro desafios efectuados. Fica, porém, uma dúvida. O que terá contribuído mais para essa bagatela? Eficiência das avançadas? Fraqueza das defesas? O futuro o dirá.

* * *

Os encontros da segunda jornada forneceram os seguintes resultados:

Casa Pia A. C.-Fósforos	...	1-10
Marvilaense-F. Benfica	...	0-3
Sacavémenses-Operário	...	2-4
Olivais-Cheias	...	2-7

A jarda fol, portanto das equipas visitantes, se assim quizermos considerar o Fósforos, que não tem culpas que o seu adversário não tivesse apresentado outro terreno (S. Vicente ou F. Lázaro, por exemplo).

A vitória do grupo que deixou a I Divisão constitui excepcional rehabilitação depois do desaire da semana anterior. Esta desleita a má impressão que a sua derrota perante o Sacavémenses causara. A cotação do Fósforos subiu ao mesmo tempo que a do Casa Pia A. C. desceu. Quando vencerá este simpático agrupamento a crise que há muito atravessa?

O Marvilaense deu pior conta de si do que na exida anterior. Jogando no seu campo foi atidamente batido. A equipa começa mal, mas parece que não havia motivo para não pensar que possa vir a melhorar a sua posição.

O Operário continua a justificar o recuo que os amigos dos concorrentes não esconderam a seu respeito. O Sacavémenses foi, contudo, adversário à altura.

O Cheias também se acreditou em bons resultados. Obteve a sua segunda vitória e também por cinco «golos» de vantagem. Há que confiar nos cheleenses.

ZÉ DO PEÃO

Nessas circunstâncias. Por quanto tempo? A Académica deslocou-se para a Flunera da For, onde bateu o Naval, por 4-2. Os estudantes «viraram-se e desejaram-se», mas acabaram por ganhar... Em Santa Clara, o L. Sistânia recebeu a visita do Anadia — mas foi «caméval», tanto que permitiu o empate de 1-1. O resultado do União (6-0) foi o melhor da jornada; curiosidade: enquanto os visitantes — o jogo foi no campo do Loreto — permaneceram com as rãdes invioláveis, os visitados não conseguiram, ainda, o tanto chamado de honra... Académica e U. São João «leideram», com duas vitórias, equivalentes a seis pontos, e, respectivamente, 15-2 e 10-0. A Naval está em terceiro lugar, com 4 pontos e 4-5. Lusitânia e Anadia emparelharam no quarto posto, com três pontos, 2-3 e 1-5. Por último, o Sport, que tem dois pontos e 0-15. Mas a «pecha de toque» é no domingo, com o União-Académica, o idro dos «leiders»... — S. G.

Lisboa — Declarada de abertura do campeonato distrital-Dessafios, com maior interesse, em Alcabide e Nazaré-Vianense; dois clubes da Marinha Grande. Ambos saíram vencedores, o Sport Lisboa com mais facilidade (3-0 aos Nazaré) que o Atlético (2-1 ao Alcabide F. C.), mas qualquer deles, acenue-se, com justiça e por mérito próprio. É não admira, porque a Marinha Grande é já uma região onde se pratica futebol de muito agrado, devendo sair de um dos seus dois representantes o campeão.

Santarém — Em Tomar, defrontaram-se o Sporting e o União Comércio e Indústria, com triunfo para o «sociedade» nabinhente, por 4-0. Iniciativa de aquela que o jogo foi raramente disputado com animação e equilíbrio. Na zona sul, Operário-Vilafranquense — favorito em por cento — bateu o Sportista de Alenquer, por 5-1. Os alequenses interam, é certo, com ânimo, mas o «team» da Vila Franca de Xira é leder.

Setúbal — A permanência de oito clubes na I Divisão obriga a fazer jogos a meio da semana, pois o campeonato deve estar concluído na mesma altura dos das outras regiões, disputados por seis clubes.

Tive, por isso, itaca concorrência de público a jarda de quinta-feira, em que não houve, para mais, jogos de grande interesse.

Todas as vitórias foram naturais, mas quer o Barreirense em frente do Seixal (2-0), quer o Vitoria perante o Arrentela (3-1), não se houveram de maneira a convençer. Os saílenses mostraram-se melhor organizados; os arrentelenses foram batidos por três «golos» de Rodrigues, daos dois que na exida de livres.

No Montijo, o Luso-Sintra venceu por 1-0 a primeira parte, mas sofreu perda (1-4), o que quis da maneira como se empreou a vencer.

O primeiro «score» robusto (6-0), e certo, ao que parece, pertenceu à Cuf, no seu campo, contra o Amora.

A terceira jornada — no domingo — foi de surpresas, pois três jogos saíram vencedores os grupos visitantes. Assim sucedeu no Luso-Barreirense (0-2), Seixal-Arrentela (0-1) e Cuf-União Unidos (3-3).

Por brillante e a infundi-lo respeito, deve citar-se a derrota infligida pelos montejineiros aos culistas, de maneira convincente. Outra tanto não podemos dizer do Barreirense, cujas exhibições continuam a preocupar os seus adeptos. O grupo não parece inspirado — nem afinal...

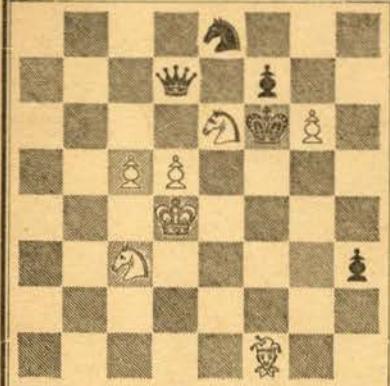
Por último, o actual campeão saiu facilmente ao Amora, em Setúbal (5-0). — J. D.

Direcção de Vasco C. Santos e J. Castimiro Vinagre
Toda a correspondência deve ser endereçada à nossa redacção com a referência «Xadrez».

PROBLEMA N.º 17

Final da partida — Estudo

CHESS, 1994 J. Castimiro Vinagre e Vasco C. Santos



MENÇÃO HONROSA As brancas jogam e ganham

A composição que publicamos hoje — ainda inédita em Portugal — foi premiada no recente concurso internacional de Finais da revista inglesa «Chess».

É de desejar que frutifique o exemplo destas afirmações isoladas do nosso modesto meio problemático, para assim ser possível elevar o nível do xadrez artístico português, que tanto carece de novos entusiastas e impulsionadores. Agora, que se acentua certo movimento pró-problemas, graças às iniciativas do Mestre de A. Maria Pires, à contribuição do jornal «Os Sports», que organizou um concurso de composição e solução de problemas, e ao projecto de Rui Nascimento, para fundar uma associação de especialidade, — confiamos que vindrá em breve esta faceta ideal do Xadrez.

A vida da Federação de Xadrez

Por despacho do sr. Ministro da Educação Nacional, o Xadrez acaba de ser incluído na classe B da Direcção Geral dos Desportos.

O Xadrez — o jogo clássico, que dominava o desporto intelectual pelas suas afinidades especiais, vai agora entrar em nova fase da sua vida, que trazem, sem dúvida, evolução e progresso. O reconhecimento oficial da utilidade e do carácter desportivo de modalidade e as novas directrizes que o orientarão, implicam a completa remodelação da sua organização. Não pouparam o seu esforço e não registam a dedicação pela causa de todos os amadores do científico jogo, os novos dirigentes da Federação Portuguesa de Xadrez, presidida pelo sr. Eduardo Pellen,

Os Campeonatos de Oeiras

ficam para a história da temporada como um dos melhores do torneio

ORGANIZAÇÃO do Sporting Clube de Oeiras.

Direcção de Vasco Galvão Sessenta e uma inscrições. Confirmação do valor dos «novos». Quatto p'ovas. José da Silva em grande evidência — e está feito o balanço dos campeonatos de Oeiras de 1944, o torneio que prolongou até à última semana a actividade intensa e benéfica que os nossos jogadores tem sido proporcionada desde Julho findo, e do qual cabe hoje falar.

* * *

Disponho de dois belos «courts» e desejoso de enfileitar entre os clubes que ao «tennis» se dedicam com maior entusiasmo, o Sporting Clube de Oeiras organizou pela primeira vez, em Setembro de 1943, os «Campeonatos de Oeiras». Talvez porque a iniciativa constituisse novidade para o meio turístico, o certo é que ele conquistou geral simpatia. O engº Mário Meunier, revelando-se, então, excelente dirigente, conseguiu para o simpático e progressivo clube da Costa do Sol êxito assinalado. A repetição do certame tornou-se inevitável. E, deste modo, se viu o S. C. O. organizar mais uma vez esta competição, que parece destinada a brilhantes tradições.

* * *

A segunda «edição» dos Campeonatos de Oeiras parecia comprometida. O êxito de 1943 criara responsabilidades para a colectividade e para a pessoa que fosse chamada a dirigir o torneio. A afastamento do colaborador precioso que era o engº Mário Meunier, foi, porém, eficacemente solucionado com a escolha de Vasco Galvão. Dos seus conhecimentos, da sua experiência, da sua maneira de trabalhar, muito se podia esperar. Depois veio o desenrolar do torneio. E os factos confirmaram as previsões optimistas. Vasco Galvão desempenhou-se a contento da sua difícil missão, dando aos Campeonatos de Oeiras inve-

problema a elaborar os novos estatutos e modificar as disposições técnicas da modalidade, de acordo com as directrizes legais do organismo superior do desporto nacional — a Direcção Geral de Educação Física e Desportos.

recorda-se a actividade desportiva da "MOCIDADE PORTUGUESA" no DOURO LITORAL

celente trabalho para o futuro na preparação de novos atletas.

Excelente trabalho para o futuro na preparação de novos atletas

A «Mocidade Portuguesa» tem desenvolvido um excelente trabalho na formação de novos atletas. Com o elevado objectivo de promover a ginástica e o desporto na juventude escolar, a «Mocidade» desempenha uma função que é particularmente útil e oportuna — pelo meio em que opera, entre gente moça, que desperta para o desporto. A sua acção é por isso magnífica, principalmente em relação ao futuro.

Pelos clubes da especialidade tem passado gente que se dedica de preferências ao esplendor de cada desporto, às vezes até a mais de uma modalidade. Pequenas sensações, um cansaço que se justifica quando em quando, a necessidade de variar de ambiente, tudo isto tem contribuído para que ingressem na «Mocidade Portuguesa» elementos que estão realizando uma obra de grande valor.

Sucedeu isso no Douro Litoral, sob a direcção suprema do Sr. Capitão Eduardo Romero. E o facto notou-se especialmente em dois desportos — no futebol e no «hand-ball». O que se conseguiu no Porto sai fora, o que é normal fazer em organismos desta ordem. Ganham os campeonatos nacionais e afirmam larga superioridade. Há ali quem trabalhe com entusiasmo e utilidade. É de justiça pôr esse trabalho em relevo, pelo que pode ser a sua projeção na expansão desportiva.

A obra e os resultados

Os desportos são em geral realizados, em cada centro escolar, sob a direcção de treinadores ou professores. Existem, no entanto, centros especializados, para a prática das seguintes modalidades:



O Grupo do Centro Escolar nº 6 (L. Alexandre Herculano), campeão nacional de «hand-ball» (cat. A)

atletismo, natação, atletismo, esgrima, tiro, hipismo, remo e vela. Os campeonatos disputam-se em todas as modalidades e em diversos graus: nas «escolas», nas Divisões e para todo o País. Dentro de cada «escola», são estes torneios disputados entre os diversos centros das escolas e liceus.

Assim exposta a estrutura das provas oficiais da «M. P.», anotemos a sua movimentação e resultados.

Comecemos pelo futebol. O trabalho fez-se nas escolas, mas com aproveitamento de campos pertencentes a clubes. Superintende neste desporto, como inspector, o sr. Ricardo Cardoso, um nome de relevo na propaganda do popular desporto. Inscreveram-se 10 «centros»: 4 na categoria A (ilidados até 18 anos), e 6 na categoria B (mais de 18 anos). Cérca de 150 apurados em actividade. Campeonato interessante e bem disputado. Na categoria A venceu o Liceu de Alexandre Herculano (Centro 6), e na cat. B o superior triunfou o Colégio de João de Deus (C 10).

O «hand-ball», sob a reação do sr. Apolinário Monteiro, funcionário da secretaria da «M. P.», teve 8 concorrentes, 4 em cada categoria. No grupo A venceu também o Liceu Alexandre Herculano; na outra categoria, o Colégio de Almeida Garrett.

No «basket-ball», apareceram 11 centro: 6 na cat. A e 5 na B. Este campeonato interessou viamente, porque nela se inscreveram boas equipas. Na categoria A, ganhou o Liceu Alexandre Herculano; na B, a Escola Comercial de M. Augusto da Silveira.

Na mesma altura dispôs ou-se o campeonato de «volley-ball». A reunião é obrigatória. Chegou, por isso, a 27 concorrentes: 8, na categoria de Infantis, 10 nos Vanguardistas e 9 nos Cadetes. Venceram, respetivamente, os Colégio de Almeida Garrett, de João de Deus, e, novamente, o Colégio de Almeida Garrett.

No Divisão e nos campeonatos nacionais

Nos campeonatos das Divisões, foram apurados para representar o Douro Litoral, as seguintes «Alas»: A/I 2 (Porto) — Futebol, «hand-ball» e «basket-ball», nas categorias A e B, e «volley-ball», em Infantis. A/I 7 (Espinho) — «Volley-ball», nas categorias de Vanguardistas e Cadetes.

No futebol (A), o Liceu de Alexandre Herculano, bateu o «correio» do Alto Alentejo, por 3-1, em Santarém, e o Colégio de João de Deus juntou à equipa representativa do Algarve, pelo mesmo «score», em Lisboa.

No «hand-ball», o Liceu de Alexandre Herculano venceu a Extremadura.

(Continua na pág. 15)



O Grupo do Liceu Alexandre Herculano, campeão nacional de futebol (cat. A)



A equipa do Colégio Almeida Garrett, que conquistou o campeonato nacional do «hand-ball» (cat. B)



A equipa de vanguardistas do C. E. n.º 1 da A/I (Colégio de S. Luís), Espinho, campeão da Divisão e finalista do torneio nacional de «volley-ball»



Os cadetes do mesmo Centro, também campeões nacionais da mesma modalidade



O grupo do Centro Escolar nº 6 (L. Alexandre Herculano), campeão da Divisão do Douro Litoral



O instrutor tenente Costa Faria com a equipa de tiro 2.ª classificada no campeonato nacional



O grupo do Centro Escolar nº 9 (Colégio Almeida Garrett), campeão divisionário de «volley-ball» (infantes)

AS BODAS DE PRATA DO "BELENENSES"

Uma conferência e uma recepção

A passagem do novo aniversário do Clube de Futebol «Os Belenenses» teve, no último número da «Stadium», o mercêdo relvô. E fizemos há pouco tempo, na série das reportagens sobre grandes clubes portugueses de futebol, uma larga evocação da obra realizada pelo Belenenses em vinte e cinco anos de existência. Nesta altura podemos limitar-nos ao simples relato do que se fôr passando no clube, em comemoração das suas «Bodas de Prata», ciclo bastante amplo para marcar o valor de uma obra e de um clube.

O momento da inauguração da fotografia do «onze» belenense da fundação



Anotamos, entretanto, que tiveram um começo digno do carácter que o clube imprime à ésta época de festa. E tiveram-no em duplo significado de gratidão do Belenenses — pelos homens que contribuiram, com o seu esforço desinteressado no campo desportivo, para impôr o novo clube no conceito do público, e pela imprensa, que auxiliou esse trabalho.

Dos «onze» jogadores da primeira «team» que representou o Belenenses estiveram presentes: Alberto Rio, Joaquim Rio, António Santos, Arnaldo Cruz e Edmundo Campos. Dois faleceram já — Artur José Pereira, que foi a «alma» do clube nos seus primeiros tempos, e Carlos Sobral, desportista de «élite», que morreu prematuramente em África. Outros não apareceram, por andarem fóra de Lisboa — ou por a dor não lhes permitir assistir a uma festa de tal ordem. E apareceu ainda Mário Monteiro, também guarda-rédes do grupo inicial. Nos jogadores presentes fôram saudados, carinhosamente, os pioneiros do clube. E coube a Alberto Rio, antigo «internacional», talvez o mais velho, descerrar a fotografia que fica sendo histórica, na sede do popular clube.

Por motivo de servir o público, não pôde comparecer o sr. engº Francisco dos Reis Gonçalves. Substituiu-o Acácio Rosa, na conferência sobre os

(Continua na pg. 15)

Campeonatos Corporativos de Natação

Dois aspectos das provas de domingo: 1 — Uma partida; 2 — Um numeroso grupo de concorrentes



1



2

AS NOSSAS REPORTAGENS E TRICROMIAS

Como anunciamos, publicamos hoje a reportagem referente ao
UNIÃO FUTEBOL COIMBRA CLUBE

bem como a tricromia da respectiva equipa de honra

No próximo número:

UNIDOS FUTEBOL CLUBE (Cuf)

À esquerda: o habitual copão, que os leitores devem recortar e coleccionar, pois adere direto à capa que oferecemos para encadernar todas as separatas destas reportagens



Chaves de todos os modelos
Perdeu-as? Perdeu-as? Roubaram-lhe? — mude fazer outras na
CASA DAS CHAVES
de
Amadeu Gomes da Fonseca
R. da Mouraria, 3 (Frente ao Cinema) • Tel. 28801



A MARCA
QUE EU
VOU USAR
EM CHAPÉU
E BONÉS

Stadium na Capital do Norte

MAU COMEÇO!

DISSEMOUS nos comentários à primeira jornada da competição regional de futebol, publicados no nosso último número, que a época havia começado «com o pé esquerdo», no que se refere ao capítulo disciplinar.

E-nos impossível pr ver, neste momento, se as más ações cometidas por alguns elementos que se exibiram no jogo F. C. Porto-Salgueiros encontraram, por parte das entidades dirigentes, o trânsito fulpeado. I para que não se repitam.

Tornamo-nos leigos relembar os árbitros que lhes cabe a responsabilidade de mais procedimento em campo dos praticantes, ou não aderem a elas, árbitro ou não que querer existir disciplina rígida. São parte de quem sólitas as partidas houveram um resultado falso, a partir de crimes as menores infrações de que o resultado pelo adversário, e os principais assuntos de incorreção os árbitros responsabilizarem com o peso que os regulamentos lhes conferem, não haja dúvida de que a disciplina existirá — pelo menos aquela imposta pelas direções clubistas, que não quererão vir desfilar aos seus grupos, logo nos primeiros jogos, de elementos que lhes são insensíveis.

Ora no F. C. Porto-Salgueiros houve bastas razões para que esse procedimento se usasse. Não existiu a mão férrea necessária para corrigir as más ações — e o resultado vê-se, com um resultado ligeiro na assistência, para já.

Comprando o choque, a colisão voluntária, própria de um ligeiro músculo, viril, como é o futebol; mas não concordamos nem aceitamos os pontapés intencionais, e arremessos da bola à figura do adversário, a rasteira cobrindo a face derrubando o antagonista mais veloz ou mais hábil.

Estes são os constituintes já como que um vício, que é preciso combater, como todos os outros. Os prazeres basílicas do desporto devem ser impostos águilas que, de boa vontade ou por lazarato próprio, ali os querem recrutar.

O desporto tem de ser uma escola de carácter. Pela sua finalidade não é compatível com manifestações de desoriente ou de mau comportamento cívico. E sem cívismo não pode haver espírito desportivo.

Por direito, é às direções dos clubes — primeiro de que a outros — que incumbe essa tarefa: a da aplicação de sãos princípios na preparação preliminar dos seus associados. E só desde que estes orientadores o não fazem — aliás por obediência à ditames ou a esses incompreensíveis — é que elas devem ser aplicadas pelas entidades centralizadoras ou dirigentes das diversas modalidades desportivas. Se esta tarefa estivesse assim dividida, embora para isso fosse preciso que fossemos, da parte das direções clubistas, larga visão das coisas, e disciplina no desporto policiar se mantivesse com possibilidade de recurso a príncipes menos suaves.

Este caso — o do aspecto disciplinar — é o verdadeiro esclanhar de Aquiles do desporto. E como é infelizmente bastar, tudo o mais que se possa fazer não terá visibilidade de sucesso enquanto se aplicar em sede movimentada.

Fomentemos a disciplina nos homens das cores e o desporto nacional entrará no seu verdadeiro caminho. Enquanto não se fizer assim, não terá verdadeira consistência ou solidão o trabalho efectuado para o progresso da causa desportiva portuguesa.

ATLETISMO

Comentários & Ideias o cinema ao serviço da técnica

PODE dizer-se que, praticamente, está terminada a temporada atlética de 1944.

Nesta altura, se fizermos uma análise, embora breve, se que foi a actividade no atletismo português, chegar-nos a conclusão deveras esgrádvel. Depois de duas épocas em que a modalidade viveu num marasmo confrangedor, foi possível dar no nosso atletismo ambiente de franco interesse e entusiasmo, que teve a sua base na saudável actuação do F. C. do Porto e mais tarde na presença da equipa do Académico. Valera pois a pena fazer uma ligera reflexão crítica sobre essa actividade, que começou com o torneio da Stadium, terminou com a júriada da propaganda da Federação. A esse trabalho de lançamento — a partir do próximo número — fôlego, porém, pretendemos abordar um outro problema, para o qual chiammos desde já chamaros a atenção dos incansáveis dirigentes da A. P. A.

Como se sabe, os nossos atletas — mesmo os de maior classe — revelam, de forma exuberante, deficiências técnicas de certa grandeza — e são elas, a maioria das vezes, que os impedem de conquistar resultados técnicos à altura das suas qualidades naturais. Esta verdade tem estado patente em quasi todos os encontros atléticos que se têm realizado em Portugal.

Por isto, pois, parece-nos que a A. P. A. contribuiria para o progresso técnico da modalidade se aproveitasse os meses de Outubro, Novembro e Dezembro para promover sessões cinematográficas periódicas, durante as quais se exibissem alguns dos documentários da especialidade que têm passado pelas nossas salas de espectáculos, fazendo acompanhar essas exibições com os comentários técnicos de um Roberto Macado, por exemplo.

Não deve haver dificuldade de maior na materialização deste projeto, visto que as próprias empresas distribuidoras de sítimas encontram em larga vantagem no capítulo da propaganda. E tudo, portanto, um questão de boa vontade e de interesse — e estamos certos que os dinâmicos dirigentes da A. P. A. não deixarão de estudar o assunto.

Lembremos, ainda, que para facilitar a realização dessas sessões poder-se-ia estabelecer entradas pagas para aqueles que não fossem atletas ou dirigentes de qualquer clube ou associação. Ou, também, realizar sessões com o auxílio material dos diversos clubes que se dedicam ao atletismo, concedendo entrada livre aos associados desses mesmos clubes.

Aqui fica o projecto...

HANDBALL

A missão da Imprensa

HOJE, a dois passos da abertura da época determinada pela Direcção Geral de Desportos e que corresponde ao período adequado à prática desta modalidade, coincidindo aproximadamente com a data marcada pelos regulamentos da Associação de Handball do Porto, é tempo já de se iniciar a época administrativa. Neste aspecto, muito há que fazer é justo se tornar quebrar a moomba que envolve as entidades dirigentes.

Pela nossa parte, começamos deixa é uma campanha construtiva, cuja finalidade deverá ser no topo provisório a modalidade Compete igualmente, aos homens que trabalham na imprensa, por sua vez, demonstrar que servem desinteressadamente a Causa. Os jornalistas do handball, de parte nortenho e tidoas as outras ideias que não convenham ao interesse comum, devem, acima de tudo, defender o desporto que escolheram.

A todos nós, compre-nos, também, tarefas pesadas e bolas vontade, a persistência e, acima de tudo, a elevação do espírito, conseguem prestar ao nome já respeitado dos jornalistas nortenhos, que elevaram o handball desde a primeira hora.

Almas individualidades que a este desporto têm dado todo o seu esforço, queixem-se, se quando em quando, da injustiça com que são apreciados os seus trabalhos. Árbitros e dirigentes, quer da A. H. P., quer de clubes, inúmeras vezes têm manifestado ciúme de nós o seu desdém, principalmente pela maneira como a Imprensa os vê. Não pretendemos analisar portomenores (também estemos no mesmo campo...), mas é flagrante a falta de protecção, de estímulo, da Imprensa nortenha aos árbitros e aos directores da associação regional.

A critica, com a sua impiedosa apreciação ao trabalho dos árbitros e dirigentes, provoca justificáveis descrenças — almas de incalculável valor. E a continuar tão perniciosa situação não virá longe o dia no qual nem com a lanterna e Diógenes se encontrarão um dirigente...

A FIGURA DA SEMANA

Artur de Sousa (Pinga)

JINDIFERENTE ao impiedoso rodar do tempo, o célebre internacional do F. C. do Porto continua a manter-se em franca actividade — e tal forma que o seu pôsto pode considerar-se ainda dos melhores entre os nacionais! Há doze anos sucessivos que, ao iniciar-se a temporada futebolística, corre pelas cais a notícia de o popular jogador ir abanhar o deserto. Mas, entretanto, chega o dia do primeiro lago — Iago é lá está, entre os mais jovens — por versos parece mais jovem das ilhas... — a deliciar o público com os seus passos preciosos, com as «fintas» de artista, e até com os seus remates de «stafatas»... Pinga volta a ser — Ele mesmo!

No abrigo da época assim sucede. Vimo-lo novamente a orientar o quinteto dos «azuis-brancos» — e de tal forma que conseguiu ser o melhor!

«O Salgueiros a perder por 2-0, les celebra o 2-2, modificando por completo a fisionomia inicial de pertença O F. C. do Porto estava em perigo e só com decisão firme, e ainda mais rápida, o adversário pulou deitado-se — que raro! Um mimo maior, e os queridinos salgueirenses, mais intrépidos na realidade dos factos, estariam às portas do triunfo...»

Divei ter sido este o raciocínio de Artur de Sousa, logo após a marcação do 2º goal do Salgueiros. E tanto foi quejada a bola de canto, e vimos lançar-se no ar, para recolher, voltar a passar, num conjunto de altitude desenfreada de entusiasmo — e um minuto depois do empate o Porto volta à posição de vencedor. Se este 2º goal não aparece tão rápido e tão oportunamente, não sabemos qual seria o desfecho do encontro.

Por tudo, pois, Artur de Sousa continua a afirmar-se como fadador de recursos excepcionais. Regozijemo-nos por isto!

BICICLETAS

“FLECHA”



VISITEM A EXPOSIÇÃO NO

LARGO DO INTENDENTE, 11 A 15

De semana a semana

Castelos de cartas...

Com os resultados registados na primeira jornada do campeonato regional de futebol começaram a desabar os «castelos de cartas» construídos sobre hipóteses possibilidades de alguns clubes.

Há grupos — como há pessoas — que parecem perspicazes por uma sombra negra; por mais que se esforcem, a pouca sorte não deixa de os acompanhar. Havia, para esta época, muito sonho criado na imaginação de tantos, mas que o vendaval do realismo começou a desvanecer, dissolvendo-os...

E cedo para arriscar prognósticos — pode argumentar-se. Se isso é certo quanto a um ou outro, genéricamente, o caso especial é o mesmo de hoje, de hontem, de todas as épocas. As situações identificam-se com o passado, como que a demonstrar que o mal é de difícil extirpação. Questão de orientação? Possível que sim. Mais, quanto a nós, isso é devido ao facto de se pretender — sem se conseguir — tapar os buracos com remendos de pano velho, na cõr e no padrão... Enquanto os clubes não constituem reservas de jovens educados no próprio ambiente, portanto submetidos a uma preparação cuidadosa de anos, nãos lhes será possível obter conjuntos com algumas possibilidades.

E é este o grande defeito. Tão grande que não é ainda possivel clímax-lo. E é justamente nessa grandiosidade que reside a maior dificuldade a vencer...

Acabou a natação!

Com a realização da prova Leixões-Douro, o simpático Galitos da Foz deu este ano por finda a sua missão de propagador da natação portuguesa. Foram três as provas organizadas pelo clube da beira-mar. Nelas se cifraram as competições reservadas aos clubes filiados na Associação Portuguesa de Natação — existirá ainda? — por enquanto nem sequer houve estas três provas regionais.

E com tal panorama, verdadeiramente desadorável, se fechou a época oficial.

Já agora, registe-se a prova de Josquin Cruz, único nadador que concluiu a difícil travessia entre Leixões e a Foz do Douro, nadando durante 2 horas e 45 minutos!

Um ginásio para operários

Publicaram os jornais diários desta cidade uma notícia segundo a qual a F. N. A. T. iria instalar no Pórtico um ginásio para operários e uma colónia de férias. O assunto interessa, sobremodo, porquanto a montanha desse ginásio virá preencher uma lacuna na nossa organização dos desportos corporativos. E facto a realizar, com os merecidos encorajos, pois dará asas ao desenvolvimento da educação física dos trabalhadores, concorrendo assim para o seu robustecimento.

Uma questão técnica de futebol

Deu-se no campo do Salgueiros, no jogo efectuado entre este clube e o F. C. Pórtico, um facto que tem motivado discussão acessa nos meios futebolísticos.

Foi o caso que, em dada altura do encontro, a bola, pontapeada por um jogador azul-branco, foi bater no árbitro do encontro, tendo salido pela linha lateral. O juiz de campo resolveu o facto com um lançamento da linha lateral, feito por um jogador encarnado. Houve quem não visse bem essa resolução entendendo que deveria haver lançamento neutral (bola no ar) ou lanceado por um jogador do mesmo clube (F. C. Pórtico).

Nesta discussão têm tomado parte elementos certos valo no meio, amigos jogadores, etc. Quanto a nós salvou melhor opinião o julgamento foi perfeito. A lei até proíbe o facto de a bola bater no árbitro e entrar nas balizas, contando o ponto. ora se assim é não poderá, neste caso, haver outra forma de julgar.

Não será assim?

Pelo atletismo

Está formado o conselho técnico da Associação Portuguesa de Atletismo. Constituem-no os sr. engenheiro Almada Oliveira, dr. Leonaldo Reis e o nosso estimado camarada Eduardo Soares. O acto da posse deve ter lugar dentro de perto dias.

Por outro lado, a actividade do F. C. Pórtico não pára. Os torneios para sócios e simpatizantes têm decorrido com muita animação e revelaram já a existência de muitos novos valores.

Casimiro do Rosario, L.^{DA}

Armazém Naval (Registado)
FUNDADO EM 1898

Fornecedor das principais empresas de navegação, cercos e armações de pesca.

Especializados em aprestos para barcos de recreio.

13 a 19, Rua dos Remolares, 13 a 19

1-D, Avenida 24 de Julho, 1-E

LISBOA

NATAÇÃO

Os campeonatos Regionais da F.N.A.T.

APESAR do sol ter chegado a aparecer, a tarde de domingo estava pouco propícia para a prática da natação — o ambiente ressentia-se disso.

Em si, só podíamos dizer que a nota mais agradável destes campeonatos regionais corporativos rendida na quantidade de nadadores apresentados — cerca de uma centena. Nos restantes aspectos, não deixaram satisfeitos. Nem quanto à organização — alitívimo moroso — nem quanto ao grau de aperfeiçoamento técnico dos nadadores, nem quanto a tempos...

Olli tentou valido como propaganda. Olli tentou aperfeiçoar-se alguns elementos que denunciavam qualidades.

Nos 100 metros-bracos sobressaiu Alberto Ferreira (1 m. 32 s. 210) e Vitor Camarões (1 m. 35 s. 410), o seuido a demonstrar que bem mal fez em abandonar a natação desportiva. Mas ainda está a tempo...

Os 55 metros-costas tiveram animação. Triunfou um antigo nadador das muralhas, Alberto Lourenço, em 26 s. 310.

Mário Pinto e Ernesto Cabrilhos traziam, nos 100 metros-livres, a melhor luta da tarde, vencendo o primeiro pela escassa diferença de um décimo de segundo. Tempos: 1 m. 19 s. 210 e 1 m. 19 s. 310, respectivamente.

Nos 66 metros-costas, Alberto Ferreira arrebatou mais uma vitória, em 1 m.

Francisco Santos ganhou os 66 metros-bracos sem adversário que o oponentasse, em 1 m. 4 s. 310. Para o segundo lugar, travou luta interessante do seguimento Augusto Soares (1 m. 7 s. 210) e José Lopes (1 m. 7 s. 410).

No 66 metros-livres temos a registar a vitória do Ernesto Cabrilho, muito destacado, em 47 s., e fazendo, quanto a estilo, a melhor prova da tarde.

As estafetas, muito envolto, o maior das equipes fôsse desvencilhado, processaram o habitual espetáculo de movimento, que o público assistiu com agrado.

Nos 5x60 metros, estilo, triunfou o elenco da Vacuum, em 2 m. 58 s. 210. Nas estafetas de livres — 4x66 e 5x53 — verificaram-se vitórias das equipas do Grupo Desportivo da Pá Ica Clément Tejo, em 3 m. 21 s. 320 e 1 m. 96 s., respectivamente.

"Mocidade Portuguesa"

(Continuação da pag. 12)

dura, no campo do Bessa, no Porto, por 13-1. O Colégio de Almeida Garrett foi proclamado campeão da categoria B, sem competidor.

Por equipas, o Douro Litoral bateu também a Estremadura, por 8-7 e um assalto nulo, em espada. O centro especializado de esgrima é dirigido pelo sr. capitão Mário de Almeida.

Algumas notas de ordem geral

A prática dos desportos e a disputa de provas fiz-se com maior aprimoramento, de modo a deixar ficar agradável impressão de elevado espírito desportivo. Venceu-se sem jactância e perdeu-se com galhardia.

O trabalho de alguns centros especializados não deu pleno rendimento, devido a dificuldades do meio ou a causas de força maior. No dia em que se correram os campeonatos nacionais de remo, tiveram alguns remadores portugueses de entrar noutras provas, e o mesmo sucedeu com a vela.

A natação, em que superintendem José Pereira da Costa, uns dos pioneiros da natação em Coimbra, e António de Brito Júnior, antigo campeão nacional de bracos, acusou melhoria de apresentação, ainda que não pudesse ganhar a Lisboa e Coimbra.

Todo este trabalho de formação de novos atletas se efectua sob a direcção suprema do sr. capitão Edmundo Romero. O seu dinamismo serve para pôr toda a gente a trabalhar com entusiasmo. E os resultados são esplêndidos. O Porto está forjando uma nova geração desportiva.

MÁRIO DE OLIVEIRA

FUTEBOL NO PORTO

(Continuação da pag. 16)

de que nem todos os grupos nortenhos se podem gabar, mercê de apêgo à luta e decidida vontade de marcar. O Leça, parece, está na disposição de ditar leis esta época...

O desafio entre o Académico e o Salgueiros não deu nada para a crítica. Jogo pobre, sem futebol, sem técnicas, feito todo aos repelões, em pontapés para o ar — foi completamente amorfos. Não se podem classificar ou qualificar grupos que se exibem assim. Para as prerrogativas do Salgueiros e para os desejos dos académistas, este jogo foi uma autentica reprovação!

O Bessa parecia que estavam na disposição de fazer obra desengonhadora em Leixões. Mal ou bem, mais ou menos atabalhoadamente, o resultado a seu favor manteve-se até dez minutos do final. Mas a pressão dos matosinhenses pôde mais e o Boavista, já a fraquejar, cedeu um tanto prelúdio-simismo.

É que esta vitória do Boavista poderia ser o ponto de partida para um arranço decisivo. — M. A.

A DERROTA DE BENI LEVY

(Continuação da pag. 5)

depois na cara, conservam o português a distância. Em seguida a uma brusca mudança de guarda, Alvarez fintou ao tronco com a mão esquerda e coloca a direita no queixo, duramente, em rápido «um-dois».

Até ao fim do assalto a mobilidade e a técnica do espanhol neutralizaram as tentativas de Beni Levy.

Do 2.º ao 5.º assalto o predominio do jogador espanhol foi-se acentuando progressivamente e aplicou séculos duríssimos no rosto do campeão nacional. A incapacidade de Beni Levy em deter, parar, obstruir ou esquivar os golpes contrários, que lhe acertavam, com pontaria matemática, no queixo, tornou o combate penoso.

Já várias vezes aqui o deixámos dito: Levy desconhece os fundamentos da esgrima dos punhos e dai o pouco brilho das suas vitórias, bem como a dificuldade em as obter. Confia na avalassadora maneira de batalhar, em turbilhão, lançando reajadas de golpes e conduzindo deante de si o antagonista, até que este se submete. Como método, é insuficiente e perigoso.

No sexto assalto Levy saiu do canto disposto a mudar a face das coisas e durante este e o seguinte fez jôgo igual com o espanhol, menos pela limpeza dos golpes que pela quantidade desordenada dos mesmos. O oitavo assalto é o melhor do campeão português e o único em que dominou.

Assistímos a um final realitante ou Garcia Alvarez saberia retomar o comando da seção? Predominou esta última hipótese: no 9.º assalto Levy acusou a chuva de golpes que o atingiram, e um dos quais, na ponta do queixo, o atordoou.

O décimo e derradeiro foi a exibição de dois atletas extenuados e inseguíveis, um pela abundância de sôlos sofridos e outro pelo esforço gasto em aplicar.

A arbitragem de Pierre Charles foi boa e a justiça da decisão final excelente e scelhida sem menor protesto. Entre o seu boletim e o nosso notámos a seguinte divergência:

Pierre Charles atribuiu ao vencedor 198 pontos, tal e qual como nós, e a Levy 184. Achamos muito elevado o total do campeão português — que foi dominado amplamente — e isso manifesta uma opinião demasiado optimista. No nosso boletim Levy totalizou 172 pontos, o que nos parece mais proporcionado ao seu comportamento.

O vencedor agradou-nos muito. Não é um super-campeão nem um compêndio profundo de técnicas, mas basta para nos fazer esquecer tanta pobreza de méritos nacionais.

Levy, tão dissípador dos atributos físicos magníficos que a Natureza lhe proporcionou, merece toda a nossa simpatia — e um treinador competente. Avisamo-lo de que o seu organismo não pode continuar levando doses de golpes violentos, em particular na cabeça, sem grave perigo para a sua integridade. Os casos de invalidez mental e

A visita do Benfica a Setúbal

ESTA já elaborado, em princípio, o programa das festas e provas a efectuar em Setúbal, no dia 5 do próximo mês de Outubro, dia em que o Sport Lisboa e Benfica vai à cidade da beira-Sado, em visita ao Vitoria Futebol Clube.

Encontro dos dois clubes reveste-se de significado especial, que se relaciona com a situação criada, na última época, de futebol, ao popular clube Setubalense. É curioso notar que o produto líquido das provas se destina à Misericórdia de Setúbal, a cuja direcção preside Carlos Homem de Figueiredo, que apenas representou oficialmente o Sport Lisboa e Benfica, em futebol, mas que fez também algumas jogos particulares pelo Vitoria. Homem de Figueiredo tornou-se, depois, pela sua inteligência e pelo seu aprimoramento, uma figura de relevo em Setúbal.

A jornada preparada para o dia 5 de Outubro, em Setúbal, deve pois ser das mais brilhantes e úteis para o desporto. É natural que tenha larga influência nas boas relações entre dois grandes clubes desportivos.

Daniel Teixeira

Oficina de calçado desportivo do Beato. Especializada em todos os artigos para desportos — Calçado e botins tipo alentejano e "Mocidade Portuguesa".

Telefones 38298

CALÇADA DUQUE DE LAFÕES, 5
L I S B O A

físicas, consequentes de abusos orgânicos por choques traumáticos repetidos, são em elevadíssimo número.

Só a técnica pode reduzir e combater esse perigo e isto é bom de fixar. Que Levy se acerte e procure enriquecer a sua esgrima, alterando o modo de «boxe», antes de se transformar num despojo humano, morto para o desporto e para a vida.

O combate de Augusto de Sousa e Larzen, intimamente desejado por muitos, terminou com a vitória do moçambicano. Sousa procurou o sôlo duro e pôs à mostra as suas pretensões, conduzindo o combate à feição do antagonista. Depois de um primeiro assalto empurrado, Sousa perdeu os dois seguintes, o quinto, o sétimo e o oitavo. Fez jôgo igual no 4.º e ganhou o sexto. A arbitragem de José de Azurro foi a melhor que temos visto, de há muito tempo a esta parte. A pontuação no seu boletim aproxima-se da nossa de modo flagrante, diferindo, como é fatal, no valor da bitola, mas de modo algum na proporção dos valores. Viu muito bem as irregularidades de Larzen (que foram bastantes e surpreendentes) e mandou separar quase sempre a tempo e horas e com autoridade. Merco as mais amplas felicitações.

Mesquerga foi batido por Figueiredo por k.o., ao 8.º assalto. O vencido levou os assaltos todos a encaxar e só no 4.º e 5.º meteu a direita em estocada. Quasi no final do combate foi colhido por um «contra» e desceu à lona, apesarosamente. Não é homem que justifique outra visagem até nuns, nem mesmo como «cavalo de ensaio».

Guilherme Martins fez alarde da sua habilidade e progresso, batendo Guadalupe, por pontos, em 8 assaltos, e no combate de abertura Jack Freitas pôs k.o. Joaquim Teixeira, ao 1.º assalto.

Para terminar, chamemos a atenção do empreendedor para o estado da lona do quadrigulho, que necessita substituição; para a imperiosa necessidade de estabelecer uma vedação em torno do «ring», de modo a não deixar o público aproximar-se do mesmo; para a indispensável reunião de polícias perto da massa, garantindo a liberdade de ação dos arbitros e oficiais; para as saídas e entradas dos jogadores no vestiário e no «ring»; e, de modo geral, para tudo o que consista melhoria imponente num local que não tem quaisquer condições para nele se realizarem, sem perigo em esso de alarme, concentrações humanas compactas e excessivas.

AS BODAS DE PRATA do "Belenenses"

(Continuação da pag. 13)

25 anos do Belenenses, sendo o conferente apresentado pelo sr. Eugénio Moita, em nome da direcção do clube. Foi um excelente trabalho de observação, análise e elogio ao Belenenses. Merceceu, por isso, os aplausos que lhe dirigiu o dr. Salazar Carreira, nosso distinto colaborador, que representou, na inauguração das festas do Belenenses, o ilustre Director Geral dos Desportos. E foi bonito e oportuno o improviso com que fechou a sessão.

A Direcção teve depois a sensibilidade de receber, no seu salão, a imprensa diária e da especialidade. O sr. Aires Martins, presidente do clube, fez as honras da casa — e da região, falando do clube e de Belém, nas palavras com que testemunhou, à toda a imprensa, o agradecimento do clube pelo auxílio dispensado na realização das suas obras. Fernando Ávila saudou, em nome da imprensa diária, as referências frases aos 1 mil e disse da satisfação com que viu a direcção do clube não esquecer a imprensa, no começo das festas comemorativas do novo aniversário. Falaram ainda Raul de Oliveira, pelo «Os Sports», e o nosso prezado camarada Mário de Oliveira, em nome da «Stadium».

Por parte da comissão organizadora das festas discursou o sr. Francisco M. Sá, antigo presidente da direcção do clube, alongando-se em referências à obra do Belenenses e à função da imprensa. O dr. Salazar Carreira fechou a série, com outro improviso brilhante. O programa do primeiro dia fechou, pois, bem.

No jogo F. C. Porto-Leça

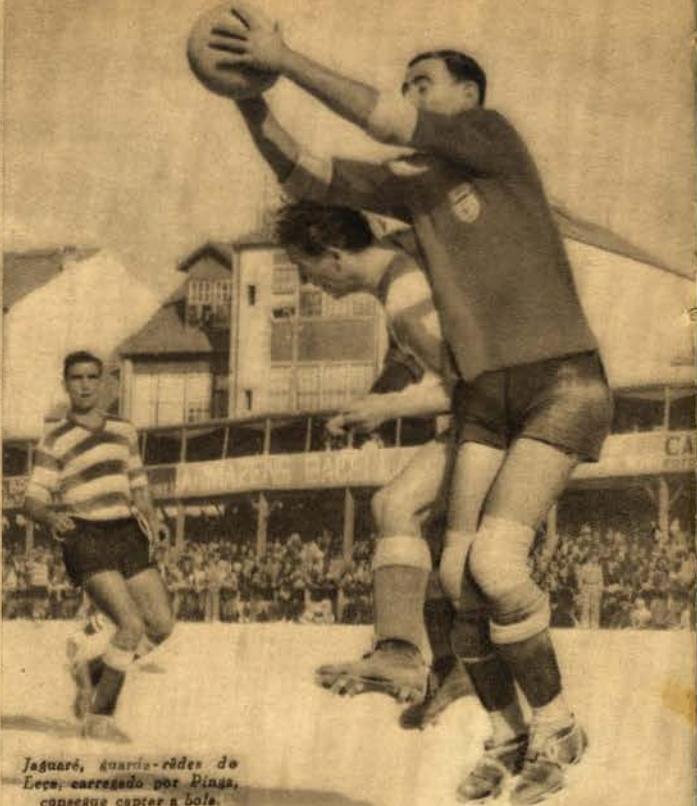


Catolino não consegue sair na luta com a defesa adversária, deixando-se surpreender

Santiago defende a sólo
(Fotos Hermann)



No jogo Salgueiros-Académico



Jaguaré, guarda-redes do Leça, carregado por Pingo, consegue captar a bola.

A segunda jornada do campeonato regional de futebol passou-se em atmosfera abafante. O sol, embora coado por uma camada ligeira de nuvens, escaldava.

Talvez o tempo tivesse influenciado os jogos, disputados em três campos diferentes, pois em todos se registou, se não o mesmo resultado em número, pelo menos igual equilíbrio nos marcadores: nem mais nem menos do que três empates!

Começando pelo jogo em que tomaram parte os campeões regionais do Porto, estes apresentaram-nos em «estrela» — e que auspícios ela foi! — o seu novo jogador Noberto Franco, ex-Farense.

Nada mais nos deu o encontro. Se não se pode cotar como monótono, o certo é que, sendo enervante, em especial para os da casa, ainda não serviu para nos dar idéia do que poderá vir a ser o grupo do F. C. Pôrto. Após a vitória pelo tangente com o Salgueiros, surge-nos agora um empate — merecido — com o Leça. Os «azul-brancos» estiveram a vencer por 2-0, mas, depois, deixaram que o Leça ganhasse terreno e em 5 minutos estabelecesse o empate. Registe-se o pouco poder rematador da turma local; os portuenses não tiveram o pé afinado. Um apontamento especial para Octaviano, que continua a merecer o elogio da crítica.

Os leceiros, fazendo o que fizeram, dispensam tudo o mais que dêles se possa dizer. Anularam os campeões na sua casa, tarefa

(Continua na pág. 15)

Um momento de apoio para a defesa do Académico

Breitling

APROVADO PELA AVIACAO PORTUGUESA

INSENSIVEL ÀS VARIACOES ATMOSFERICAS

ANTI-MAGNETICO

PREFERIDO PELOS DESPORTISTAS

O melhor cronógrafo